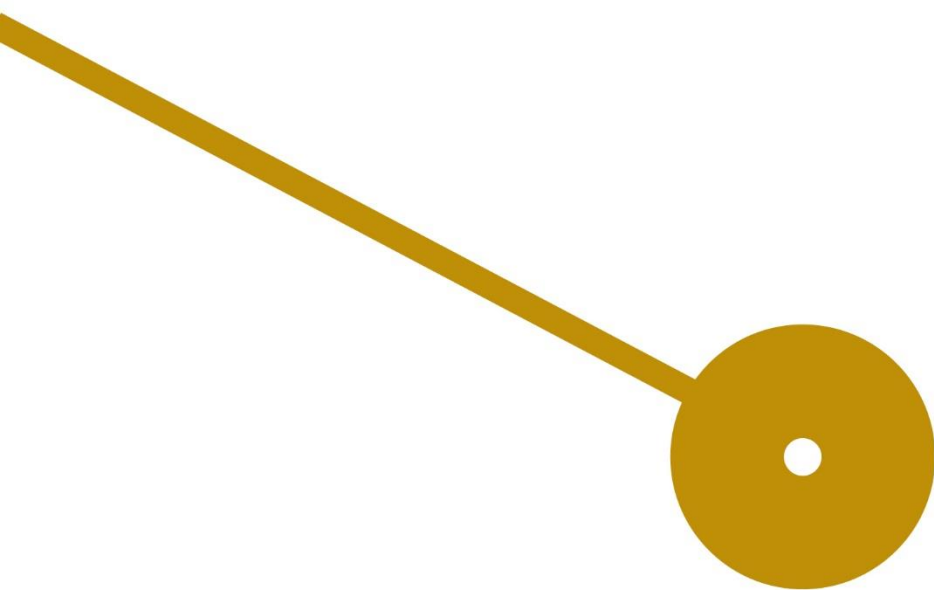


# Livro. Ação!

## Um projeto de teatro para incentivo à leitura (e não só)

Susana Isabel Pereira de Azevedo Brandão

09/2019





**MESTRADO  
ARTES CÉNICAS**  
Interpretação e Direção Artística

# **Livro. Ação!**

## **Um projeto de teatro para incentivo à leitura (e não só)**

Susana Isabel Pereira de Azevedo Brandão

Projeto apresentado à Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Artes Cénicas, especialização Interpretação e Direção Artística.

Professora orientadora

Doutora Maria Inês Areal Rothes Marques Vicente

Professor coorientador

Doutor Álvaro Samuel Guimarães da Mota

Dedico a ti, Soul Love.

*"Two hearts that beat as one, our lives have just begun."*

## **AGRADECIMENTOS**

Grata...

...ao Paulo Coelho de Castro, pela cumplicidade e parceria.

...à Inês Vicente, pela orientação e pelo incansável apoio.

...ao Samuel Guimarães, por me fazer questionar.

...à Teresa Cunha, pelo acolhimento.

...à Sandra Mestre, pela partilha da paixão pelo teatro.

...a todos os professores e colegas do mestrado em Artes Cénicas, porque fizeram comigo este caminho.

...a todos os alunos e docentes com quem já trabalhei, pelas partilhas e experiências.

...aos meus pais António e Aurora, por me terem permitido crescer em liberdade.

...ao Sérgio, Santiago, Camila e Clara, pelo amor e por serem 'casa'.

## **RESUMO**

O presente documento aborda o binómio arte/educação a partir do trabalho "*Livro. Ação! Um projeto de teatro para incentivo à leitura (e não só)*". Desde sempre envolvida no fazer artístico, ao encontrar a docência, encontrei a minha vocação. No entanto, encontrei também a provocação: como preparar os mais novos para a contemporaneidade e ensinar para um aprender ativo e significativo?

É comprovado que a prática das artes pode renovar procedimentos pedagógicos, mas a sua implementação ainda está longe de ser uma realidade frequente no sistema educativo, no qual ainda impera o excesso de especialização e a uniformização dos currículos. Esta investigação foca-se nos modos como a atividade artística, neste caso o teatro, pode aproximar matérias e materiais formatados, principalmente os utilizados nas escolas, das reais vivências e necessidades dos intervenientes dos processos de ensino/aprendizagem.

Neste trabalho é abordado o Livro, enquanto matéria/tema, e enquanto material/objeto concreto. O documento divide-se em duas partes: na primeira, relativa ao enquadramento, apresento o percurso que me trouxe até ao mestrado em Artes Cénicas, as inquietações que motivaram a investigação e as experiências que a fundamentam; na segunda, relativa ao desenvolvimento, descrevo a ideia e objetivos do projeto, nomeio as referências retiradas do estado da arte que lhe serviram de inspiração, e relato como se processou todo o trabalho e quais os resultados do mesmo.

Seja como testemunho de uma reflexão ou como modo de intervenção, este projeto faz parte de um outro muito maior que visa o grande objetivo pessoal e profissional de uma vida: contribuir para a formação integral do ser humano em prol da construção de um mundo o mais justo e pacífico possível.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Artística, Escola, Arte, Teatro, Livro, Criatividade, Individualidade

## **ABSTRACT**

This document addresses the binomial art/education from the work "*Book. Action!. A theater project to encourage reading (and not only)*". Always involved in the arts practice, when I found teaching, I found my vocation. However, I also found the provocation: How to prepare the youngster for contemporaneity and the teaching for active and meaningful learning?

It is proven that arts practice can renew pedagogical procedures, but their implementation is still far from being a frequent reality in the education system, where there is still over-specialization and uniformity of curricula. This research focuses on the ways in which artistic activity, in this case theater, can bring together formatted matter and materials, especially those used in schools, and the real experiences and needs of those involved in the teaching/learning processes.

In this work the Book is approached, as a matter/theme, and as a material/concrete object. The document is divided into two parts: in the first, concerning the framework, I present the path that led me to the master's degree in Performing Arts, the concerns that motivated the research and the experiences that underlie it; In the second, concerning development, I describe the idea and objectives of the project, name the references taken from the state of the art that inspired it, and report how all the work was processed and the outcomes.

Whether as a testimony for reflection or as a mode of intervention, this project is part of a much larger one that aims the great personal and professional goal from a life time: to contribute to the integral formation of the human being for the construction of a world as fair and peaceful as possible.

**KEY WORDS:** Artistic Education, School, Theatre, Book, Creativity, individuality

## ÍNDICE

---

### 1 – ENQUADRAMENTO DO PROJETO

COMO É QUE CHEGUEI ATÉ AQUI? <i>Introdução à investigação – Fragmentos de um percurso pessoal e profissional</i>	2
O QUE ME PREOCUPA? <i>Motivo da investigação – Inquietações e desassossegos que deram o mote</i>	3
O QUE TENHO VINDO A EXPERIMENTAR? <i>Fundamentos da investigação – Algumas experiências e descobertas</i>	5

### 2 – DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

O QUE ME PROPUS FAZER? <i>Proposta de trabalho apresentada para o projeto final de mestrado</i>	25
O QUE ME INSPIROU E/OU INQUIETOU? <i>Referências artísticas que enquadram e influenciam o projeto <i>Livro, Ação!</i></i>	28
COMO SE PROCESSOU A CRIAÇÃO? <i>Fases de concepção e estrutura do projeto <i>Livro, Ação!</i></i>	31
QUAL O RESULTADO DO PRODUTO FINAL? <i>A estrutura da Oficina <i>Livro, Ação!</i> e suas edições</i>	40

### 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

QUAIS OS RESULTADOS DO PROJETO? <i>Discussão final acerca de <i>Livro, Ação!</i></i>	57
O QUE DESCOBRI? <i>Reflexões sobre o projeto</i>	58

4 – REFERÊNCIAS	61
-----------------	----

5 – LISTA DE IMAGENS	63
----------------------	----

6 – ANEXOS	66
------------	----



## 1 – ENQUADRAMENTO DO PROJETO

### COMO É QUE CHEGUEI ATÉ AQUI?

#### Introdução à investigação – Fragmentos de um percurso pessoal e profissional

*“I regard theatre as an art form because I believe in its transformative power. I work in the theatre because I want the challenge of decisiveness and articulation in my daily life”* (Bogart, 2001, p.1).

O teatro, apesar de sempre ter estado presente na minha vida, não fez parte do meu percurso académico (que passou pela licenciatura em Arquitetura e pelo mestrado em Ensino das Artes Visuais). A minha carreira profissional iniciou-se na Arquitetura (no gabinete do centro histórico de Barcelos e como *freelancer*) e rapidamente se instalou no ensino (enquanto professora do 3º ciclo e do ensino secundário do grupo de recrutamento 600 – Artes Visuais). Se a primeira experiência não me preencheu pessoal e profissionalmente, a segunda fez-me sentir completa em ambos os níveis, ainda que sempre acompanhada pela preocupação com o estado da educação em geral. Na minha área (das Artes Visuais, Arquitetura e Geometria Descritiva) sempre procurei captar a atenção, motivação e envolvimento dos alunos em sala de aula. Se em disciplinas como o Desenho é mais fácil, já noutras como a Geometria Descritiva o desafio é grande. Porém, sem falsas modéstias, fui capaz e sei que é possível. Atualmente, após mais de uma década a lecionar no Sistema Educativo em Portugal, acredito que a minha postura como docente, além de cumprir com o solicitado no que respeita à transmissão de conteúdos programáticos, sempre contribuiu para a formação de seres humanos mais sensatos, equilibrados, justos, empreendedores e coerentes.

Neste cenário, o teatro assumiu-se sempre como um aliado, tanto nos meus reptos individuais, como no trabalho. Fiz formação em teatro no Rio de Janeiro durante um ano de intercâmbio da Faculdade e fiz vários cursos e *workshops* em Portugal. Em paralelo com as minhas profissões ‘oficiais’ (nas quais a atividade teatral também foi fundamental), comecei a dar formação na área

da representação para crianças e jovens, a fazer pontualmente trabalhos como atriz e encenadora, e fundei o projeto *(EN)cena Teatro* (que engloba formação, produção e divulgação das artes cénicas).

No final do ano letivo 2016/2017, por opção, retirei-me da escola para me dedicar inteiramente ao projeto *(EN)cena* e este mestrado. Além das descobertas que fui fazendo enquanto aluna de mestrado em Artes Cénicas (interpretação e direção artística) na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE) durante 2017/2018, comecei a lecionar teatro no 1º ciclo e fui mãe pela segunda vez. Estas duas novas realidades vieram sublinhar ainda mais a minha vontade de experimentação e pesquisa nas áreas que circunscrevem a minha investigação e a contextualizam: as crianças e os jovens, o ensino e a aprendizagem, a arte e o teatro.

## O QUE ME PREOCUPA?

### Motivo da investigação – Inquietações e desassossegos que deram o mote

*Ao longo dos anos, com o crescimento, ocorre um processo sistemático de destruição da liberdade mental que elimina na criança a possibilidade de ver e descrever as coisas com fantasia e paradoxo. O fantástico acaba substituído por esquemas programados, em uma sucessão de regras. Em nossa sociedade, o ensino escolar é tendencioso e organizado para a transmissão desses esquemas-gaiolas. Somos forçados a escrever, inclusive, entre linhas e quadradinhos, enquadrando-nos nas regras preestabelecidas (Fo, 2004, p. 90).*

Desde sempre me interessei por seres humanos em desenvolvimento. As crianças, desde o seu nascimento, fascinam-me pela constante motivação e predisposição para explorar o mundo e a si próprias. Naturalmente inocentes, sem memórias, sem mágoas, sem ideias, nem ideais, nos primeiros anos de vida os seres humanos desenvolvem as suas estruturas biológicas e mentais em interação com o meio envolvente e o seu progresso depende da quantidade e qualidade de estímulos que lhes são dados. O encantamento pelas crianças é algo universal, assim como a esperança na Humanidade que elas provocam. Talvez porque a autenticidade dos mais

pequenos não seja sinal de ignorância ou falta de maturidade, mas sim de surpresa, fantasia, imaginação e curiosidade.

Após a maternidade, a minha atenção voltou-se ainda mais para as crianças e o seu reconhecimento da realidade. Perante o nascimento de um ser humano o deslumbramento é inevitável, uma nova vida surge e a nossa capacidade de amar é natural e instintiva. Projetamos nos pequenos indivíduos todas as nossas aspirações e sonhos e vemos nas crianças a possibilidade de transformar o Mundo num lugar melhor.

Enquanto professora, surgiu a preocupação com a educação e a contemporaneidade. A atualidade carece de pessoas autónomas, com voz, com opinião, capazes de responder a problemas, capazes de lidar com a mudança e conscientes de que são indivíduos únicos dentro de um grupo ou vários grupos sociais. De uma forma geral, a escola continua a tratar as crianças e os jovens como recetáculos inertes de informação, o que os torna despreparados, fragmentados e reprodutores. Consequentemente, mostram desinteresse pela escola, o que é contraditório face à natureza curiosa da infância.

Logo, é iminente que a educação seja encarada como parte fundamental do processo de evolução humana. Repensar as práticas de ensino/aprendizagem é uma das frentes a abordar e a minha investigação propõe experimentar a arte, mais concretamente o teatro, como estratégia. Ciente de que já muito se estudou e experimentou na abrangência do tema teatro/educação, pretendo com este projeto situar-me e encontrar o meu 'lugar de fala', de modo a fortalecer a importância da atividade teatral para o desenvolvimento pessoal e cognitivo (principalmente nas crianças e jovens). O teatro, enquanto arte de recriar e transformar o mundo, não poderá também transformar/renovar/facilitar a forma de ensinar e aprender? Certamente que sim, mas de que modos?

Assim, a minha motivação é procurar respostas para esses possíveis modos da arte e do teatro trazerem para o campo educacional estímulos à criatividade, pensamento crítico, individualidade, aprendizagem e formação integral do ser humano.

## O QUE TENHO VINDO A EXPERIMENTAR?

### Fundamentos da investigação – Algumas experiências e descobertas

Importa descrever um pouco mais algumas das experiências no campo artístico das artes cénicas que fui concretizando até ao momento, dentro e fora das salas de aula, que se revelam importantes para esta pesquisa pois foram determinantes para o produto apresentado neste projeto final do mestrado.

#### **Projeto Pegadas e peça “Adolescer”**

Em 2006, acabada de chegar do Brasil onde frequentei um curso livre de teatro, organizei, em parceria com a minha amiga Ohara Ramos (atriz brasileira com registo nº 48542 na Delegacia Regional de Trabalho), um projeto de teatro para jovens. Neste projeto concebemos uma formação com a duração de cerca de quatro meses, durante a qual fizemos uma introdução à interpretação e envolvemos os participantes na criação e conceção do espetáculo “Adolescer”, com texto meu e da Ohara, sobre as temáticas da adolescência.

Nesta primeira experiência de teatro com jovens tive a perceção, ainda que decorrente de conversas informais, de como aquele episódio tinha sido marcante na vida dos participantes. Sentiam-se respeitados, valorizados e orgulhosos de terem tido uma voz, principalmente perante aqueles com quem conviviam diariamente, como por exemplo os pais. Para mim ficou clara a capacidade libertadora do teatro e esta terá sido a alavanca para tudo o que se segue.





Figs. 1 a 4 – Imagens da peça “Adolescer” de Ohara Ramos e Susana Brandão

### Grupos de teatro escolar e projeto Panos da Culturgest

No Instituto das Artes e Imagem (IAI), escola artística na qual lecionei ao longo de mais de dez anos, tive a iniciativa de criar o grupo *Expressões*, que se dedicava à exploração da expressão das artes do corpo. Fiz diversas atividades com o grupo tais como dança e movimento (em parceria com alunos praticantes de diferentes tipos de dança), leituras encenadas de poesia (em articulação com a disciplina de Português) e espetáculos de teatro (criações próprias ou com textos de autor).

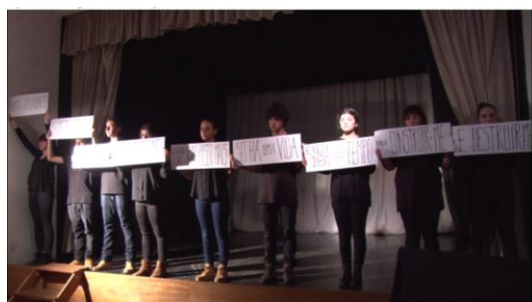
Nos últimos três anos de existência o teatro foi a atividade preponderante do grupo pois inscrevemo-nos em duas edições do Festival *Panos*, na altura promovido pela Culturgest (atualmente da responsabilidade do Teatro D. Maria II). O *Panos – palcos novos, palavras novas* – é um projeto que alia o teatro escolar/juvenil às novas dramaturgias, inspirando-se no programa *Connections* do *National Theatre* de Londres. Em cada edição oferece: uma peça acabada de escrever, livre de direitos até ao fim do ano letivo, e pensada para ser representada por jovens dos 12 aos 18 anos; a possibilidade de a apresentar em estreia mundial (ou portuguesa); um *workshop* de preparação para os responsáveis dos grupos com a presença dos autores; a oportunidade, para os grupos escolhidos por um comité de seleção, de apresentarem os seus espetáculos num festival de encerramento. Para este festival o grupo *Expressões* apresentou encenações das peças “Como é que eles são?” de Lucinda Coxon e “Vida” de Pablo Fidalgo. No ano letivo 2016/2017, no qual não existiu Panos devido ao interregno entre a Culturgest e o Teatro D. Maria II, encenei com o grupo a peça “O Coro dos Maus Alunos” de Tiago Rodrigues. Este espetáculo foi apresentado em contexto escolar no IAI perante os docentes e alunos da escola, assim como respetivos familiares e amigos; e no *Fórum da Educação* em Leiria com o tema

“Competências do Aluno do Séc. XXI” perante um público composto por cerca de 700 profissionais da educação.

A experiência de trabalho com o teatro em contexto escolar, sendo simultaneamente orientadora do grupo *Expressões* e docente dos alunos em disciplinas curriculares, permitiu-me perceber e constatar as mais valias que o processo desencadeava tanto no grupo, como individualmente (fora e dentro do contexto sala de aula). Além disso, ao experimentar aplicar dinâmicas retiradas do contexto teatral para aplicar na transmissão de conteúdos programáticos das disciplinas que lecionava, encontrei formas de facilitar a aprendizagem através do teatro. Ao acompanhar os alunos nas duas realidades, as quais normalmente eles chamavam de realidade livre (as atividades do corpo) e realidade forçada (as aulas), acentuei a minha vontade em contribuir para mudar a perspetiva com que os alunos encaram a escolaridade obrigatória, mas também contribuir para mudar o modo como os professores dão o conteúdo programático (incluindo eu), até porque é óbvio que as duas atitudes se influenciam reciprocamente. No dia em que disse aos meus alunos que me iria retirar do IAI não me perguntaram porquê, ou quem me iria substituir no Desenho ou na Geometria, perguntaram: “E agora professora, o que vai ser do grupo de teatro?” Ainda hoje, quando me questiono sobre a minha decisão ou me sinto insegura do caminho que estou a fazer, recorro a essa questão e a influência positiva que as artes do corpo tiveram naquelas crianças e jovens.



Figs. 5 a 8 – Imagens da peça “Como é que eles são?” de Lucinda Coxon



Figs. 9 a 12 – Imagens da peça “Vida” de Pablo Fidalgo



Figs. 13 a 16 – Imagens da peça “O Coro dos Maus Alunos” de Tiago Rodrigues

## Projeto (EN)cena e Oficinas

Em 2014, na sequência do aumento do meu interesse pelas artes cénicas, surgiu o *(EN)cena*, um projeto de teatro, produção, divulgação e formação, que se encontra disponível através de *site de internet*.

Na área da produção são organizadas oficinas com profissionais das artes cénicas (por exemplo sobre o método Lee Strasberg com Bruno Schiappa e sobre o método Ator Imaginário com Christian Duurvoort) e concebidos espetáculos de carácter intimista centrados na proximidade, nos estímulos sensoriais e na interatividade com o público.

No campo da divulgação das artes performativas o objetivo é dar a conhecer projetos emergentes e alternativos, assim como abranger e aproximar novos públicos. Neste campo foi criada a marca nacional *(EN)cena Teatro e Televisão* (registada no Instituto Português da Propriedade Industrial com o nº 548262) que engloba teatro, produção, formação, vídeo e imagem, e divulgação das artes cénicas (aqui conto com a colaboração do realizador Sérgio Mourão e foi estabelecida uma parceria com o Porto Canal no formato de rubrica televisiva semanal). Neste espaço já tiveram tempo de antena diversos eventos, companhias, instituições, personalidades que, de um modo ou de outro, têm um papel de destaque nas artes cénicas na zona do Grande Porto. Todas as rubricas podem ser consultadas na página de *Facebook* do *(EN)cena* ou no arquivo do *Porto Canal*.

No setor da formação o foco do projeto é investigar formas de utilização do teatro em prol do desenvolvimento pessoal e pedagógico. Este é o setor *Academia (EN)cena*, o mais relacionado com o tema de investigação do meu projeto final de mestrado e no qual já foram concretizadas algumas experiências em colaboração com a Sandra Mestre, com quem partilho a paixão comum pelo teatro, pelo desenvolvimento social e humano e pela educação. Eu e a Sandra conhecemo-nos no curso livre de teatro da ESMAE, eu na altura arquiteta e ela engenheira, desde então somos amigas e, sempre que possível, criamos juntas. Após o curso livre juntamos um grupo de teatro amador, os *Marabunta*, que existe desde cerca de 2008 até hoje e no qual já ambas tanto atuamos, como encenamos. A Sandra, entretanto, foi mãe e fez o mestrado em artes cénicas na Escola Superior Artística do Porto. Eu, entretanto, fui mãe, professora e agora também estudante de mestrado em artes cénicas. O facto de sermos de áreas tão distintas como a arquitetura, o ensino e a engenharia, mas experienciarmos uma forte relação com o teatro, permitiu-nos entender, de uma forma pragmática e objetiva, que o teatro tem um enorme potencial em diferentes áreas. Concordamos que o teatro é uma das manifestações artísticas mais completas

e que, por isso, a atividade teatral é uma excelente fonte de estímulos para o desenvolvimento de diversas competências que ampliam o potencial cognitivo, o autoconhecimento, a capacidade de comunicar e o desenvolvimento da criatividade. Após as nossas maternidades, começamos a ter vontade de pôr em prática esta perspetiva com os mais pequeninos, porque nos preocupa a relação deles consigo próprios (corpo e personalidade) e com os outros (relações humanas e sociais). Assim, concebemos uma série de oficinas de teatro para a infância, nas quais se articulam desafios criativos com conceitos escolares. Optamos por trabalhar a faixa etária dos 6 aos 10 por ser a etapa basilar de escolarização e formação de personalidade, e para mim, devido à experiência que já tinha com jovens adolescentes (na sua maioria com enormes lacunas a vários níveis), a fase durante a qual fazer teatro poderá exercer uma enorme influência positiva no futuro. Neste conjunto de oficinas, cujo tema são os feitiços e enigmas em forma de narrativa, o objetivo principal é proporcionar aos mais novos a oportunidade de explorarem diferentes áreas cognitivas (da ciência às artes), associando o jogo teatral à Teoria das Múltiplas Inteligências, que aprofundei no mestrado em ensino de artes visuais. Segundo Gardner (1993, pp. 3-11), a inteligência humana é composta por competências intelectuais que têm uma certa autonomia entre si, mas que se combinam e relacionam de infinitas maneiras. Para isso estruturamos três módulos, ligados pela mesma história, mas divididos nas seguintes abrangências: o jogo teatral e a inteligência verbal-linguística (a partir de um texto e da desconstrução das palavras e seus significados pretende-se desenvolver a capacidade narrativa e interpretativa); o jogo teatral e a inteligência visual-espacial (através de experiências sensoriais e corporais pretende-se uma sensibilização para a expressão visual e abordagem de conceitos espaciais e geométricos); o jogo teatral e a inteligência lógico-matemática (através de atividades experimentais e concretas pretende-se suscitar o raciocínio hipotético-dedutivo com aplicação da linguagem matemática). Pode ser consultada a informação detalhada sobre as oficinas em [encenateatro.pt](http://encenateatro.pt). Até à data aconteceram duas edições destas oficinas, após as quais fizemos pequenas entrevistas, tanto às crianças, como aos seus pais, de forma a tirar algumas ilações. De forma geral a atividade foi considerada cativante e divertida e, simultaneamente, estimulou e desafiou as crianças a vários níveis (cognitivos, sociais e emocionais).

Estas oficinas desencadearam a minha vontade de continuar a trabalhar nesta faixa etária, precisamente pelo desafio que é respeitar o facto de ainda serem crianças e ao mesmo tempo terem de começar a integrar a sociedade através da escola, escola essa cada vez mais desajustada da realidade atual.



Figs. 17 a 22 – Oficinas de Teatro para a infância “Feitiços e Enigmas” da Academia (EN)cena

## Chapim Azul

No ano letivo de 2018/2019 surgiu o convite para lecionar teatro a alunos do 1º ciclo na escola Chapim Azul, no Porto. Esta oportunidade deixou-me muito motivada pois seriam crianças a partir dos 6 anos e numa instituição em que o teatro deverá acompanhar os conteúdos programáticos.

A Chapim Azul é uma escola com uma identidade muito própria que em termos pedagógicos trabalha por metodologia de projeto, ou seja, preconiza uma pedagogia que visa a prática, a concretização. Além disso, adotou o *Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular do Ministério da Educação (PAFC)*, que consiste num projeto de promoção do sucesso escolar, que estabelece um currículo mais adequado ao século XXI, promove a aquisição de aprendizagens essenciais ao nível de conhecimentos, competências e atitudes, e sugere o funcionamento interdisciplinar (pode

conhecer-se todo o projeto no *site* da Direção Geral de Educação). Na minha opinião, o PAFC faz todo o sentido e os seus princípios orientadores estão bem elaborados, porém encontra-se ainda pouco difundido (surgiu como experiência pedagógica em 2017) e nem sempre é bem aplicado nas escolas abrangidas (obriga a uma mudança pedagógica de fundo e a um trabalho de equipa ao qual o sistema educativo não está habituado).

Este foi o primeiro ano em que a referida escola ministrou 1º ciclo, pois inicialmente tinha apenas pré-escolar. No 1º ciclo da Chapim Azul não existem atividades extracurriculares e fazem parte do currículo as disciplinas habituais (português, estudo do meio, matemática, educação física), mas também as artísticas (dança, teatro, música), entre outras (*yoga*, tempo de estudo autónomo). Neste cenário, a expressão dramática e o teatro são valorizados ao contrário do que acontece na maior parte das escolas, pois, ainda que façam parte das orientações curriculares para o 1º ciclo do ensino básico, normalmente estas atividades são 'atiradas' para o tempo extracurricular, de carácter facultativo, talvez por isso vulgarmente (ainda que erradamente) encaradas como menos importantes e inferiores.

Seguindo a metodologia de projeto, o trabalho desenvolvido na Chapim vai, sempre que possível, ao encontro dos interesses dos alunos em articulação com as aprendizagens essenciais constituintes do referido PAFC. No teatro estas aprendizagens organizam-se segundo domínios de apropriação e reflexão; interpretação e comunicação; e experimentação e criação. Conforme referido no documento do Ministério, "*para a concretização destes organizadores enuncia-se a operacionalização de conceitos específicos em que subjazem duas categorias e indicadores de reconhecimento dos códigos de leitura gramática Teatral – Motivação e Ação/Reação*" (Ministério da Educação, 2018, p.3). Ao longo do ano letivo o teatro participou em muitos dos projetos que foram surgindo nos conselhos semanais, durante os quais as crianças discutem e decidem os temas a trabalhar, entre outras coisas. Os assuntos partiram dos alunos, que participaram do processo criativo e revelaram uma motivação constante. Trabalhamos cinco apresentações: "Máquina assustadora" no *Halloween*, "A fábrica de brinquedos" no Natal, "Supercali" a partir do musical "Mary Poppins", "Feitiços e Enigmas" a partir das histórias da personagem Harry Potter e "Confusão no Palácio" a partir de exercícios de escrita criativa. Estas apresentações seguiram sempre o princípio da ação/reação, na medida em que surgiram de exercícios e experimentações com intencionalidade expressiva e criativa. O grupo era pequeno por ser o primeiro ano com 1º ciclo, inicialmente eram seis crianças e ao longo do ano entraram mais duas, ficando um total de 8. Ou seja, por várias razões foi uma tarefa facilitada que me

permitiu pôr em prática diversas atividades teatrais em prol do desenvolvimento pessoal e cognitivo. Ainda assim, surgiram algumas complexidades: a turma integrava uma menina com um tumor cerebral que a limita bastante, principalmente fisicamente, e com quem tive que ter especial atenção na aplicação de alguns exercícios; e integrava também uma menina brasileira que está em Portugal há pouco tempo e que revela fragilidades emocionais e pouca capacidade de autorregulação, com quem foi necessário ter sensibilidade na gestão das relações humanas e no trabalho de grupo.

A experiência na Chapim foi decisiva para fortalecer as minhas convicções e a minha vontade de investigar cada vez mais a articulação do teatro com a educação. Sei que esta escola é uma realidade ideal, longe ainda de ser a realidade da generalidade das crianças, mas existe e possibilita um laboratório de experimentação de práticas artísticas integradas nos currículos através de projetos multidisciplinares. No presente ano letivo de 2019/2020 continuo na Chapim com cerca de 20 crianças (das quais 6 já estavam comigo) divididas em dois grupos. Este aumento de alunos deve-se obviamente à boa publicidade boca-a-boca, consequente do sucesso do 1º ciclo no ano passado. Sei também que conto com novos desafios, como por exemplo uma menina com mutismo seletivo, um transtorno psicológico associado a ansiedade extrema que neste caso se manifesta numa total ausência de linguagem, e um menino totalmente desmotivado que acha que não é capaz de fazer nada.

Permanecer nesta escola deixa-me satisfeita pois sei que me continuará a ser dado um espaço de trabalho de excelência para a minha investigação, até porque as minhas preocupações em articular matérias e desenvolver plena e livremente as crianças fazem todo o sentido na filosofia da escola. De facto, a Chapim Azul é um lugar especial, não só na sua estrutura pedagógica, mas também no modo como prepara a criança para a contemporaneidade e respeita o seu desenvolvimento integral. Infelizmente é um lugar apenas acessível a uma elite, pois trata-se de uma escola privada com uma propina alta.



Figs. 23 a 26 – Aulas de teatro na escola Chapim Azul



Figs. 27 e 28 – Apresentações de teatro na Chapim Azul aos outros grupos da escola

## Teatro/Corpo e Artes Visuais

Este ano letivo de 2019/2020 fui surpreendida pelo IAI com um convite que veio completar a minha realização pessoal e profissional. A escola onde lecionei tantos anos, onde dirigi o grupo *Expressões*, que tanto me acarinhou e valorizou, submeteu um pedido de alteração curricular ao Ministério da Educação (juntamente com outras escolas de ensino artístico) que consistiu na troca da disciplina de Educação Física por Expressão Corporal, a qual já tinha feito parte do currículo dos cursos artísticos numa fase inicial. A direção das escolas envolvidas justificou este pedido ao

abrigo do já referido PAFC, por se tratar de um complemento à formação pelas artes, neste caso concreto pelas artes do corpo. Disseram que a minha saída da escola era muito responsável por este pedido no que concerne ao IAI, uma vez que foi notório na formação dos alunos a falta que fez não existir o grupo Expressões e as atividades que eu organizava (idas ao teatro, à dança, entre outras coisas). Por tudo isto percebi que a minha identidade enquanto professora e artista passa pela articulação entre a minha área de formação académica inicial das artes visuais com as artes cénicas. Já enquanto docente de Geometria Descritiva e Desenho fui experimentando utilizar o movimento associado à expressão gráfica em diversas aulas e na Chapim Azul também uso regularmente o traço e o desenho para as atividades de teatro e expressão dramática.

Neste sentido foi igualmente uma preocupação dar espaço à expressão visual no projeto final de mestrado, até porque esta é uma das formas de comunicação preferidas pelas crianças. Assim, uma das descobertas que fiz neste processo foi a de que pretendo desenvolver cada vez mais esta relação entre as duas práticas artísticas que me apaixonam e que em articulação se tornam ainda mais fortes e possibilitam benefícios incríveis ao nível do desenvolvimento e consciência de nós próprios, do outro e do mundo. Inclusive, comecei a acompanhar o projeto *Segni Mossi*, tendo feito uma primeira formação com os seus criadores Alessandro Lumare e Simone Lobefaro. *Segni Mossi* propõe uma reflexão sobre a relação entre o movimento e o desenho, trabalhando a produção gráfica através do movimento corporal feito de forma individual ou coletiva, sendo atualmente uma importante referência no meu trabalho.

À data deste documento, ainda não saiu o despacho do Ministério, mas já foi dada a indicação de que este chegará, por isso a direção do IAI resolveu arriscar e vamos iniciar a disciplina e conceber os seus conteúdos programáticos, uma vez que estes não existem. Vai ser um prazer voltar a esta instituição, voltar a trabalhar com jovens adolescentes e ter a liberdade criativa de estruturar um programa curricular de raiz.





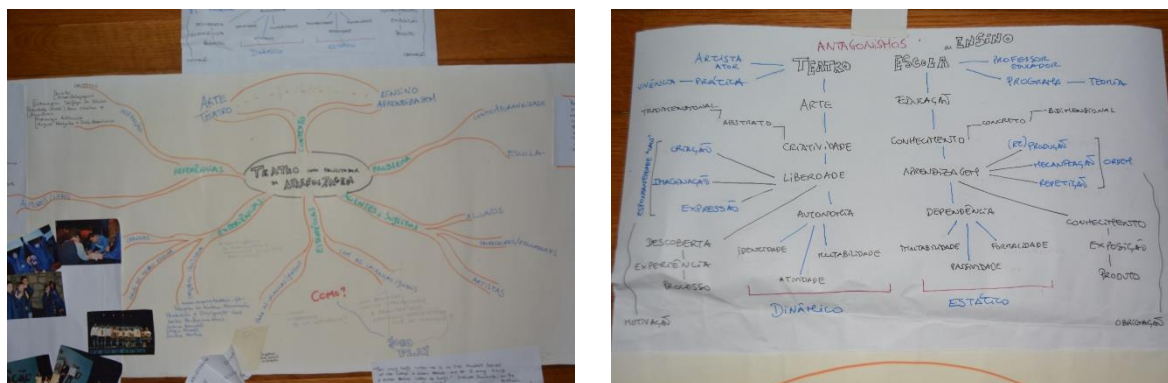
Figs. 29 a 32 – Atividades *Segni Mossi*

### **Mestrado em Artes Cénicas na ESMAE**

Não podia deixar de mencionar algum do trabalho desenvolvido ao longo do mestrado em Artes Cénicas na ESMAE como experiência fundamental para o caminho que me trouxe até ao momento atual e que me faz estar onde estou hoje pessoal e profissionalmente. Durante o curso foram sendo propostos diferentes desafios em diversas disciplinas e procurei, sempre que possível, orientar todo o meu trabalho para a investigação relacionada com as artes cénicas e o desenvolvimento humano, em especial na vertente educacional.

Lembrando as sessões de Seminário de Investigação I e II e analisando os seus 'ecos' enquanto ricochetes que chegam após um tempo, tempo esse que se quer de ponderação, análise e indagação, considero que a disciplina, conduzida de forma arrebatadora pelo professor Samuel Guimarães, foi a responsável pelo semear de ideias, que aos poucos começaram a desabrochar e a ganhar ramificações, até finalmente darem frutos, uns mais maduros, outros mais verdes, uns mais saborosos, outros mais desenxabidos. Para mim, esta disciplina possibilitou essencialmente uma nova abordagem à noção de investigação e pesquisa em arte e permitiu-me firmar e comprovar teoricamente a convicção de que as práticas artísticas se dilatam para outras disciplinas e abrangem outras realidades com que a arte se contextualiza para existir. Assim, esta reflexão ativa acerca do território artístico contemporâneo, enquanto lugar privilegiado de experimentação e questionamento, permite gerar uma epistemologia própria para os artistas. Esta consciencialização fez com que me sentisse apta para começar o meu percurso e foi fundamental para colocar perguntas, ensaiar respostas, identificar contextos, delimitar campos de ação, consolidar temas, procurar material, conhecer referências, mapear o pensamento, materializar vontades e, acima de tudo, equacionar procedimentos que se enquadram numa

metodologia de investigação em arte sólida e coerente, como a que refere Janneke Wesseling. "Tal metodologia pressupõe uma familiaridade com uma diversidade de métodos de investigação (incluindo a avaliação das suas origens e histórias) e a escolha fundamentada e coerente de uma abordagem em particular" (Wesseling, 2017, p. 13).



Figs. 33 e 34 – Mapas mentais realizados em Seminário de Investigação

Outra disciplina crucial para mim foi Dramaturgia I, da responsabilidade da professora Ângela Marques, pois obrigou-me a estudar um pouco sobre as origens do teatro grego e sobre a estrutura da tragédia, uma vez que não tive bases académicas sobre o assunto. A matéria da disciplina foi essencialmente a análise dramatúrgica da peça "Antígona" de Sófocles e algumas das suas posteriores interpretações. O desafio proposto foi o desenvolvimento de um trabalho sobre o tema ou sobre uma das obras. Optei por refletir sobre a atualidade da tragédia grega para a compreensão da essência humana, particularmente no contexto juvenil. Para isso, concebi uma oficina teatral dirigida a jovens praticantes de teatro, na qual utilizei o 'clássico' de Sófocles, pois tal como diria Calvino: "Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer" (Calvino, 1993, p.11). A estratégia que desenhei para possibilitar este encontro entre a Antígona e os jovens consistiu em estímulos práticos criativos em formato de laboratório no qual, através de dinâmicas e jogos teatrais, foram levantados os conflitos inerentes à peça, levando ao seu entendimento e reflexão sobre a mesma. A reação satisfatória dos participantes perante as atividades e a forma como passaram a encarar a obra, tendo inclusive mostrado curiosidade em folhear o exemplar da Antígona que eu levava comigo, foram os impulsos que suscitaram inicialmente o interesse sobre o tema do Livro.



Figs. 35 a 40 – Imagens Laboratório “Antígona” realizado em Dramaturgia I

Na disciplina de Pesquisa Artística I, com a professora Claire Bynion, experimentei diversas abordagens que foram desde um trabalho mais focado nas experiências pessoais e biográficas (embrião 1 – solo a partir das apresentações pessoais), ao trabalho em grupo e com materiais exteriores (embrião 2 – apresentação a partir do *Fórum do Futuro* e construído em equipa), culminando num trabalho que respondia a um pedido muito específico (embrião 3 – “Hoje pensei em você”, encenação sobre Augusto Boal e as suas cartas escritas durante o exílio para apresentar a propósito de exposição patente no espaço Mira Artes Performativas na presença de Cecília Boal). Durante este percurso foi possível testar e conhecer diferentes abordagens de criação; dirigir e ser dirigida; experimentar métodos de trabalho nossos, dos colegas e até de outros profissionais; gerir pessoas, grupos, logísticas; e cada uma destas vivências permitiu-me perceber o que me serve e o que não me serve na prática artística e aproximou-me de encontrar a minha identidade enquanto profissional de teatro.



Figs. 41 e 42 – Pesquisa Artística I – trabalho de embriões de pesquisa



Figs. 43 e 44 – Pesquisa Artística I – apresentação “Hoje Pensei em Você” na ESMAE



Figs. 45 a 48 – Apresentação “Hoje Pensei em Você” no Mira Artes Performativas

Em Pesquisa Artística II, com a professora Inês Vicente, deu-se continuidade ao caminho acima referido e esta foi uma disciplina essencial para segmentar questões e experimentações, de modo a estudar mais atentamente aspetos específicos da criação, no âmbito da minha indagação pessoal. As primeiras sessões introduziram o conceito de variável de pesquisa, através de

exercícios práticos, que permitiram perceber a importância de isolar observações para chegar a conclusões muito objetivas sobre o que nos serve e o que não nos serve nesta procura. A partir do trabalho desenvolvido com o meu colega Antón Coucheiro, com quem testei um dispositivo capaz de fazer o 'não ator' viver uma experiência teatral de atuação, descobri que me interessa desenvolver as temáticas do espaço cénico, da interatividade com o público e da multidisciplinaridade.



Figs. 49 e 50 – Pesquisa Artística II – trabalho de variáveis de pesquisa



Figs. 51 a 54 – Pesquisa Artística II – apresentação “Viagem Interestelar”

Na disciplina de Estética e Teoria da Arte I e II, através da professora Cláudia Marisa, encontrei o espaço e tempo para parar e contemplar que há tanto tempo não tinha. Para além das partilhas riquíssimas que foram as aulas, conheci duas das referências filosóficas que afetaram a minha

investigação, nomeadamente o filósofo sul coreano Byung Cul Han e o filósofo alemão Jürgen Habermas.

Han, na sua obra "A Sociedade do Cansaço", refere que o sofrimento patente na contemporaneidade se deve ao excesso de positividade. Segundo Hegel citado por Han (2012, p. 36), a negatividade mantém a existência cheia de vida. "*Tan solo a través de la negatividad propia del detenerse, el sujeto de acción es capaz de atravesar el espacio entero de la contingencia, el cual se sustrae de una mera actividad. (...) Hoy en día vivimos en un mundo muy pobre en interrupciones en entres y entre-tiempos. La aceleración suprime cualquier entre-tiempo*" (Han, 2012, p. 34). No caso das crianças e jovens, há um constante medo por parte da sociedade atual de as entediar. Por isto, enchem-se as suas agendas de múltiplas atividades, cujas consequências se manifestam em dispersão, pouca criatividade e ânsia de ritmo. Se só considerarmos a potência de fazer algo e nunca considerarmos a potência de não fazer, cairemos numa hiperatividade mortal, por isso, é essencial dizer não, e isto será muito importante para o desenvolvimento das crianças.

Nesta sociedade Han descreve o cansaço como "*un cansacio a solas, que aisla y divide, corresponde al cansacio que Handke, en el Ensayo sobre el cansacio, denomina el «cansacio que separa»*" (idem, ibidem, p. 46). Este é um cansaço sem voz, sem olhar, um cansaço que é violência porque destrói a comunidade, a proximidade, destrói inclusive a linguagem. Ao desperdiçarmos o ato de comunicar, problemas éticos começam a surgir. Assim, a pertinência da Teoria da Ética Discursiva de Habermas no campo de ação em que pretendo atuar – o da educação – é algo que me parece bastante óbvio a vários níveis. No processo educativo, seja para a construção do conhecimento ou para a problematização de conteúdos, o diálogo é fundamental e as ações comunicativas permitem uma aprendizagem fundamentada num real entendimento, não só dos conteúdos programáticos, mas também de nós próprios e do outro. Porém, observamos uma quase total falta de comunicação e consideração na interação dos diferentes sujeitos que compõem os espaços escolares e/ou de aprendizagem. Segundo Habermas (1989, pp. 143-233), este entendimento é fundamental pois resulta numa compreensão que prepara o caminho para a racionalização do 'mundo da vida' (espaço social em que a ação comunicativa é desenvolvida). No caso da educação, a relação entre a consciência moral e a ação comunicativa é essencial para a formação humana, crítica e social dos estudantes pois possibilita uma prática educativa interdisciplinar, com objetivos comuns, estimulada pela ética, por boas condutas, valores humanos, compreensão do eu e do outro e valorização dos sujeitos e dos saberes.

Importa também referir a disciplina opcional de Estética do Oprimido, durante a qual aprofundei o estudo em torno do trabalho de Augusto Boal, que acabou por marcar o meu percurso de mestrado, não só devido à apresentação do exercício “Hoje pensei em você” referido em Pesquisa Artística I, mas também porque me revejo muito nesta estética do Oprimido cujo objetivo é “perceber o mundo através de todas as artes e não apenas do teatro” (Boal, 2009, p.15). Para o autor, o teatro surge como linguagem de expressão, questionamento e diálogo, em que o espectador é ativo e transforma o que vê. As técnicas e jogos do *Teatro do Oprimido* revelam-se muito pertinentes no trabalho com crianças e jovens na medida em que:

*No tronco da Árvore surgem, primeiro, os Jogos, porque reúnem duas características essenciais da vida em sociedade: possuem regras, como a sociedade possui leis, que são necessárias para que se realizem, mas necessitam de liberdade criativa para que o Jogo, ou a vida, não se transforme em servil obediência. Sem regras não há Jogo, sem liberdade não há vida. (...) Os Jogos ajudam à desmecanização do corpo e da mente alienados às tarefas repetitivas do dia-a-dia, (...) facilitam e obrigam a essa desmecanização sendo, como são, diálogos sensoriais onde, dentro da disciplina necessária, exigem a criatividade que é a sua essência* (Boal, 2009, p. 16).



Fig. 55 – Árvore do Teatro do Oprimido

Por fim, no âmbito da disciplina de Projeto Teatral foi apresentado o exercício performativo “Linhas de Fuga”, uma cocriação dos alunos de mestrado sob a direção artística de André Braga e Cláudia Figueiredo. Durante o processo criativo do projeto houve uma desordem constante

marcada pela improvisação, pela procura e pelo delírio, sem preocupação aparente com um possível resultado. Devido às características da minha personalidade estruturada e para quem o controlo das situações é fundamental, várias vezes não encontrava sentido em alguns dos exercícios propostos pelos diretores artísticos. Divertia-me, entregava-me, jogava, experimentava, mas regularmente sentia-me perdida. Entretanto, durante o projeto descobri que estava grávida e, como sou portadora de um fator congénito denominado de *Fator Leiden V* que pode causar complicações no pré e pós-parto, não pude continuar os ensaios devido ao carácter físico que marca o trabalho do André e da Cláudia. Como não era uma gravidez planeada, a primeira reação foi de uma certa revolta, pensei desistir do projeto, mas acabei por me dedicar à produção e direção de cena. A minha linha, tão bem traçada, sofria um desvio inesperado. *“Mas é justamente isso que só se pode ser aprender na linha de fuga, ao mesmo tempo em que é traçada: os perigos que se corre, a paciência e as precauções que é preciso ter, as retificações que é preciso fazer todo o tempo para a livrá-la das areias e dos buracos negros. Não se pode prever.”* (Deleuze & Parnet, 1998, p.32). Assim, ao ver-me obrigada a lidar com o caos, apesar do medo e da dificuldade, percebi que os imprevistos e as evasões podem ser linhas e que podem também fazer parte de uma cartografia. Hoje sinto-me mais capaz de confiar em quem me diz que não sabe para onde vai, mas que mostra vontade e generosidade nesse percurso. Agora acredito que é possível encontrar ordem no caos, no imprevisto, no delírio. *“Não é fácil ser um homem livre: fugir da peste, organizar encontros, aumentar a potência de agir, afetar-se de alegria, multiplicar os afetos que exprimem ou envolvem um máximo de afirmação. Fazer do corpo uma potência que não se reduz ao organismo, fazer do pensamento uma potência que não se reduz à consciência”* (Deleuze & Parnet, 1998, p.51) Além disso, esta experiência ficará para sempre marcada pela minha ‘dança’ com a Clara, a qual certamente o seu inconsciente lembrará.



Figs. 56 e 57 – Apresentação “Linhas de Fuga” ESMAE

A poster for the theatrical production 'Linhas de Fuga' by Teatro Helena Sá e Costa. The background is a dark, close-up photograph of a person's face, possibly in a state of distress or intense emotion. The text is white and black, providing details about the production, including the director, dates, and cast members. Logos for 'P.PORTO' and 'ESMAE' are visible at the bottom right.

**LINHAS DE FUGA**

Teatro Helena Sá e Costa

Turma de Mestrado em Artes Cénicas 17/18

**CRIAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA**  
ANDRÉ BRAGA E CLÁUDIA FIGUEIREDO

**ASSISTÊNCIA À DIREÇÃO ARTÍSTICA**  
PAULO MOTA

**Maio**  
Dias 4 e 5  
21h30

Dia 6  
16h00

**INTERPRETAÇÃO e COCRIAÇÃO**  
ANA MULA | LEONOR GUISE CARVALHO | GAELLE HAUGER | MARIA CAETANO VILALOBOS  
PAULO MOTA | PEDRO DOMINGOS | ROLANDO GALHARDAS | SUSANA BRANDÃO | TANYA RUIVO

RESERVAS 961 631 382

ESMAE

Fig. 58 – Cartaz “Linhas de Fuga” ESMAE

## 2 – DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

### O QUE ME PROPUS FAZER?

#### Proposta de trabalho apresentada para o projeto final de mestrado

Conforme referido, ao longo do meu percurso foram recorrentes algumas inquietações, motivações e convicções, mas o foco sempre esteve no desenvolvimento integral e aprendizagem concreta das crianças e dos jovens. Considero já reunir algumas experiências que me permitem afirmar com segurança que o recurso ao jogo e ao teatro podem aproximar os conteúdos integrantes dos currículos escolares às vivências dos participantes, assim como são essenciais para a construção e afirmação pessoais. Na altura de fazer a proposta de projeto final de mestrado tinha algumas dúvidas sobre o que trabalhar, como trabalhar, com quem ou para quem trabalhar, sendo que tinha a certeza que queria aliar práticas artísticas e escola.

Na sequência de uma conversa com o meu amigo Paulo Coelho de Castro; músico, compositor, membro do Serviço Educativo da Casa da Música, colaborador do grupo performativo sonoro *Be-Dome* e da companhia de teatro *Cabeças no Ar e Pés na Terra*, com projetos educativos, tais como *o Fauna & Flora, Do Lixo Se Faz Música, Criatividade para ter Juízo*, entre outros; e formador em diferentes instituições, uma delas a ESOM (Escola de Segunda Oportunidade de Matosinhos); surgiu o tema Livro, o qual já me tinha aparecido durante o acima referido Laboratório sobre a “Antígona” de Sófocles. Nessa conversa, cujo tema central foi a formação das crianças e dos jovens, surgiu uma preocupação partilhada em torno do livro e da leitura. Começamos a esboçar algumas ideias de como o poderíamos abordar junto dos mais novos e, de imediato, achei que faria todo o sentido trabalhar o Livro no projeto final de mestrado devido à multiplicidade de abordagens que permite. No campo de investigação onde me posiciono, o Livro é um objeto naturalmente relacionado com a escola, mas também com o teatro. Está ainda associado à leitura e à escrita, atividades que marcam uma transição fundamental na vida da criança, pois fornecem-

lhe um novo meio de comunicação além dos que tinha até então. Além disso, a versatilidade e alcance de possibilidades que o tema traz para a investigação é praticamente inesgotável.

Neste sentido, desafiei o Paulo a embarcar comigo nesta aventura, com o compromisso de, apesar de estar a produzir com vista ao trabalho final de mestrado, ser o mais imparcial possível em relação à Academia. Por um lado, porque para mim esta era uma nova experiência, à qual não queria dar uma importância diferente da que dou a todos os projetos em que me envolvo; por outro, porque o Paulo revelou não estar totalmente à vontade perante o olhar académico. Assim, esta imparcialidade seria, no meu caso, considerar o projeto mais do que um dever a cumprir para finalizar o curso (isto parece óbvio, mas acabada de ser mãe muitas vezes surgiu o pensamento da obrigação); no caso do Paulo, respeitar as reservas que ele tem devido a dissabores numa tentativa de entrada na Academia e não avançar com nenhuma decisão sem a concordância de ambos. A partir de então contei com a colaboração do Paulo que aceitou correr riscos comigo, acertar, errar, mas, acima de tudo, contribuir para um novo produto educacional profundamente aliado às artes. Uma vez que não domino a área da música, para mim a contribuição do Paulo foi fundamental, não só porque permitiu estender o carácter multidisciplinar do projeto, mas também porque considero que o som, o ritmo e a exploração musical são muito apelativos e têm a capacidade de ser transformadores para as crianças.

Nas nossas primeiras trocas de ideias sobre o tema ficou claro o nosso desapontamento (pela perda de valor do livro) e ao mesmo tempo receio (da dificuldade em ressuscitá-lo). Atualmente há pouco hábito de leitura do livro físico, principalmente devido às alternativas tecnológicas que surgiram e evoluíram rapidamente. Mesmo quem gosta de ler encontrou formas de o fazer sem ter de recorrer ao livro feito de folhas de papel (ou outros materiais). Sendo esta tendência visível na sociedade em geral, e em Portugal, em particular, é gritante entre as crianças e jovens, para os quais o livro diz cada vez menos. Quando aprendem a ler, ao contrário do que deveria acontecer, olham os textos com pouco interesse e muitas das vezes não lhes é apresentado o mundo mágico dos livros, aberto à criação e à libertação. Imersos que estão entre os monitores de televisões, *tablets*, computadores e telemóveis, ocupados que estão entre horários letivos carregados, atividades extracurriculares e outras solicitações da velocidade furiosa da vida contemporânea, não descobrem o potencial do livro. Como uma coisa leva à outra, diminuindo o hábito da leitura, a escrita também sofre, tanto em quantidade, como em qualidade. A realidade de quem trabalha nas escolas deixa isto bem claro, os alunos praticamente não leem e escrevem com muita dificuldade. Porém, historicamente o livro tem um valor inegável e continua a ser respeitado universalmente

enquanto produto intelectual, fonte incalculável de cultura e informação e objeto de entretenimento e lazer. Desde que existe escrita, há cerca de seis mil anos atrás, que existe o conceito de “livro”, o qual já assumiu diferentes formatos e características ao longo dos tempos. O livro materializa a necessidade que o Homem tem de guardar o conhecimento para passá-lo de geração em geração, algo que com o advento da imprensa se tornou possível e fez com que, desde então, o livro seja um testemunho fundamental da evolução da Humanidade.

Assim, pela necessidade de devolver ao livro o seu estatuto de excelência, tanto como objeto, como nas potências que o seu conteúdo pode ativar, surge o “*Livro, Ação!* – um projeto de teatro para incentivo à leitura (e não só)”, que pretende refletir sobre o modo como as crianças se relacionam com o Livro. O livro desencadeia uma ação, daí o nome para o projeto – *Livro, Ação!* Pode ser a simples ação de ‘abrir o livro’ (expressão que utilizamos quando alguém faz algo surpreendente), mas podem ser todas as ações que ler nos possibilita (interpretar, imaginar, concentrar, refletir) e que nos proporcionam aprendizagens fundamentais.

Como objetivos gerais o projeto propôs-se a:

- Sensibilizar para o livro e para a literatura;
- Explorar o livro enquanto objeto físico, na sua potencialidade e relação com quem o manuseia;
- Incentivar a leitura como fonte de entretenimento, cultura e informação;
- Promover a oralidade, a capacidade de leitura expressiva, a dicção e articulação de palavras;
- Ampliar vocabulário e capacidade de construir estruturas frásicas;
- Impulsionar a escrita, descritiva e criativa.
- Proporcionar o contato com diferentes géneros literários, musicais e ampliar referências artísticas e culturais;
- Explorar a imaginação, interpretação e criatividade;
- Oferecer espaço de debate e pensamento crítico;
- Incentivar a afirmação da identidade e a voz autêntica dos participantes.

Houve também o objetivo pessoal de testar processos de criação, de ensaio, de produção e de concretização de um projeto performativo, registando-os e analisando-os, de modo a contribuir para a consolidação da minha identidade enquanto profissional das Artes Cénicas.

Houve ainda o objetivo partilhado com o Paulo de criar um produto integrante da nossa oferta profissional para apresentar a escolas, bibliotecas, livrarias, autarquias, instituições, e todas as entidades em que faça sentido promover o Livro.



Figs. 59 e 60 – Equipa *Livro. Ação!* (Susana Brandão e Paulo Coelho de Castro)

## O QUE ME INSPIROU E/OU INQUIETOU?

### Referências artísticas que enquadram e influenciam o projeto *Livro, Ação!*

O Estado da Arte no campo de investigação onde me pretendo instalar é bastante vasto e já muito se estudou sobre as relações entre a arte e a educação. Ao longo da minha incursão nestas áreas e na articulação dos seus discursos fui passando por diversos autores, projetos e leituras que construíram a posição que adoto atualmente enquanto artista e educadora pesquisante. Posição esta que, tal como o território onde se situa, é de transformação contínua. Muitas das referências foram aliciantes, algumas abandonei, outras ainda estou a descobrir, outras nem sequer tive tempo de analisar. De todas as referências com que me cruzei fui retirando ora inspirações, ora reflexões, ora inquietações.

No que concerne às inspirações, destaquei algumas palavras que me foram surgindo e que abriram caminhos de questionamento e experiência no decorrer da investigação: Formação integral do ser humano/Articulação escola-teatro/Metodologia de projeto; Educação Artística/Criatividade; Criação em estaleiro/Interação com o público/Formas animadas;

Pluralidade de discursos e dispositivos/Novas linguagens e tecnologias digitais; Serviço educativo/Ação Pedagógica/Teatro e Língua Portuguesa; Leitura/Identidade/Emancipação/Afirmação. Pela sua extensão, optei por anexar este subcapítulo (anexo 1) ao documento. Neste sentido, antes de avançar, importa a sua leitura de forma a compreender muitas das opções/intenções do projeto.

Após reunir o conjunto de referências que desenvolvi em anexo, na reta final desta investigação, tomei conhecimento do lançamento do Plano Nacional das Artes (PNA), desenvolvido pelas áreas educativas da Cultura e da Educação, com o objetivo de *"tornar as artes mais acessíveis aos cidadãos, em particular às crianças e aos jovens, através da comunidade educativa, promovendo a participação, fruição e criação cultural, numa lógica de inclusão e aprendizagem ao longo da vida"*, conforme se pode ler na sua apresentação no site de internet da Direção Geral de Educação. Sendo assim, detenho-me um pouco mais sobre o tema da Educação Artística. Ainda que o conjunto de ideias enunciado no PNA não seja novo, traz algum ânimo e esperança, porque se apresenta bem estruturado num plano a médio e longo prazo. Porém, questiono: quando se passará efetivamente da teoria à prática no que diz respeito à integração das artes na educação? No Decreto-lei nº 344/90, que estipula as Bases Gerais da Educação Artística pode ler-se que *"a sua resolução passa pela reestruturação global e completa de todo o sistema, iniciando-se por aí a construção gradual de um novo sistema articulado, que contemplará todas as modalidades consideradas neste domínio, a saber: música, dança, teatro, cinema, audiovisual e artes plásticas."* Assim, passados quase 30 anos há ainda tanto por fazer que confesso ficar cética em relação ao discurso do PNA. Obviamente que o documento, resultado de uma cuidada reflexão por pessoas que conhecem bem estas matérias, reúne premissas e valores (pp. 15-17) e princípios estratégicos anunciados (p. 19) que fazem sentido e sobre os quais se define um rumo claro, que poderá resultar numa ação sólida. Esperemos que sim. O que me parece evidente é que ainda não se considera a realidade das escolas nestes documentos.

Atualmente, verificamos que no 1º ciclo a Educação Artística tem quatro áreas obrigatórias (Artes Visuais, Expressão Dramática/teatro, Dança e Música), o 2º ciclo já só tem duas (Educação Visual e Educação Musical) e no 3º ciclo há apenas uma (Educação e Visual). Existe a possibilidade de se criar outras disciplinas artísticas no 3º ciclo, mas privilegiando os recursos disponíveis. Ora, se não existe grupo de recrutamento nem professores no quadro em áreas como o Teatro e a Dança, o mais certo é as escolas nem ponderarem essa hipótese ou, se a ponderam, muitas vezes até com boa vontade, atribuem regularmente os horários a docentes sem a formação apropriada. Eu

própria, enquanto docente do grupo de recrutamento 600 (Artes Visuais), estive a dirigir um grupo de teatro na escola. Sim, porque sou apaixonada e sou curiosa pelo teatro, mas até à frequência deste mestrado não tinha formação académica de Artes Cénicas. Ou seja, provavelmente não deveria ser eu a estar ali. Mas estava, e quero continuar a estar, simplesmente porque me interessa proporcionar experiências culturais e artísticas às crianças e jovens. É verdade que há muitos professores que não estão preparados ou empenhados em tal, mas os que estão (e eles existem e deveriam ter todo o apoio) têm vindo a ver as suas condições de trabalho a deteriorar-se significativamente.

Quero com isto dizer que projetos como o Plano Nacional das Artes que visam promover “a transformação social, mobilizando o poder educativo das artes e do património na vida dos cidadãos: para todos e com cada um” (p.13), conforme declara na sua missão, deveriam ter em conta que as escolas já promovem atividades de arte e cultura, vão aos museus e acolhem os artistas. No entanto, continua a falhar e a faltar a contemplação das disciplinas artísticas ao longo de toda a escolaridade e em articulação com as restantes.

Além disso, a missão enunciada repete novamente o discurso da arte como “veículo” para a salvação. E tudo tem de ser feito na escola, mais uma vez. A escola transformou-se em algo a tempo inteiro, quando não o deveria ser. As autarquias, centros culturais, organizações de jovens, famílias, momentos de férias e por aí fora, seriam boas variáveis para dar corpo ao plano. Agradece-se que a arte seja aclamada nas escolas, mas se realmente se quer que ela saia do plano educativo para a sociedade, mais do que reivindicar a sua indisciplina, deveria aumentar-se a carga curricular das Artes como disciplina.

Importante também deixar apontado, embora não seja um tópico de explanação nesta monografia as narrativas de salvação, muito presentes na instrumentalização das artes como ferramentas para atingir outros fins. Neste sentido propomos ao/à leitora as afirmações de Catarina S. Martins:

*One of the most common thoughts and sayings about the arts in education is their power to enhance creativity and motivation in children and youths. This idea is almost taken as an unquestionable evidence when discussing the purposes and the impacts of arts in education. The arts are believed to make students more focused, problem solvers, more confident, to improve the results in tests and subjects such as mathematics or sciences, to provide them with more motivation*

*for this subject than to the rest of curriculum, to reduce dropping out, among many other rhetorical arguments that construe the arts as inherently good, worthy empowering.*

*The argument of the arts as a moral and civilizing technology was part of a way of reasoning about government, territory and making up of citizens as part of a new body called 'population'. (...) . During the 2nd half of the 19<sup>th</sup> century the effects of the arts were being discussed in various fronts and for several purposes: for the new industrial society, the arts, particularly drawing, was a kind of technological sublime, providing a grammar to invent, read and work with machines, but the arts were also explored as a field of leisure that, separated from the field of labour, would give the working class the opportunity to make contact to the values of culture. (Martins, 2018, p.51)*

## **COMO SE PROCESSOU A CRIAÇÃO?**

### **Fases de concepção e estrutura do projeto *Livro, Ação!***

O processo de criação do *Livro. Ação!* teve início em final de outubro de 2018 com reuniões de *brainstorming* de ideias entre mim e o Paulo Coelho de Castro. Nestes primeiros encontros as ideias foram saindo em catadupa e fomos apontando direções a seguir e objetivos a alcançar. Em novembro o *Livro. Ação!* encaminhava-se para um espetáculo teatral em que duas personagens (pai e filha), devido a uma falha elétrica, se reencontram através dos livros. Foi escrito um texto base e durante janeiro e fevereiro fizemos alguns ensaios. Entretanto surgiu uma encomenda de uma oficina em torno do livro a realizar-se no evento "Há livros no Mercado" no Mercado Bom Sucesso (BS), no Porto. Assim, a partir de março começamos a construir a Oficina *Livro. Ação!* que teve a sua primeira concretização no dia 28 de abril de 2019 no referido evento. No dia 14 de julho de 2019 aconteceu a segunda apresentação na livraria Salta Folhinhas, sendo que esta foi marcada por nossa iniciativa (minha e do Paulo) e foi examinada pelo júri nomeado pelo Conselho Técnico-Científico (CTC) da ESMAE a propósito da avaliação do meu projeto final de Mestrado em Artes Cénicas.

Opto por começar a relatar o processo de trabalho fazendo o seu resumo cronológico de modo a que se entenda que sempre encarei o *Livro. Ação!* como um projeto que faz parte do meu percurso pessoal enquanto profissional da educação e da arte. Se a determinada altura o rumo do trabalho mudou porque nos foi encomendada a oficina, eu e o Paulo adaptamo-nos às novas circunstâncias pois estas garantiam não só uma remuneração do nosso trabalho, mas também a promoção do mesmo. Ou seja, apesar do carácter de investigação-ação inerente ao mestrado, já foi referido que há uma componente de realidade que para mim foi muito importante manter, pois tanto eu como o Paulo dependemos financeiramente dos nossos projetos artísticos.

### **Fase 1 – Reuniões de ideias *Livro. Ação!***

Consideremos que a fase 1 do projeto *Livro. Ação!* vai desde a primeira reunião entre mim e o Paulo até ao momento em que iniciamos o esboço de espetáculo sobre o Livro (que não chegou a acontecer). Nessa fase, que durou de fim de outubro de 2018 a início de janeiro de 2019 (com exceção de dezembro de 2018), reunimos semanalmente quase sempre às segundas-feiras de manhã, aproximadamente 2 horas. Estes encontros aconteceram maioritariamente em minha casa, para que eu pudesse dar assistência a uma das minhas filhas, a Clara, então com poucos meses. Sei que esse contexto nem sempre nos possibilitou estar tão concentrados e agradeço ao Paulo por ter entendido e ter-se adaptado a essa minha necessidade materna.

De facto, esta primeira etapa foi de adaptação e descoberta, não só das nossas dinâmicas enquanto dupla de trabalho, mas também das linhas orientadoras do projeto. Uma das primeiras decisões que tomamos foi a de que iríamos trabalhar o Livro como tema e não um livro em particular. Ainda ponderamos escolher um livro, possivelmente sobre livros, chegamos a analisar “A menina que detestava livros” de Manjusha Pawagi e o “O incrível rapaz que comia livros” de Oliver Jeffers (ambos sugeridos no Plano Nacional de Leitura), mas concordamos que um dos nossos objetivos era possibilitar o contacto com vários livros, com diferentes conteúdos e estilos. Nesta abordagem determinámos ainda que iríamos recorrer a diferentes linguagens artísticas, até porque a nossa ligação é feita no teatro, mas o Paulo traz a música na bagagem e eu trago as artes visuais. Definimos que o nosso público-alvo seriam as crianças em processo de alfabetização, altura que nos parece crucial para intervir no incentivo ao gosto pela leitura, e as suas famílias, pela importância que damos ao elo familiar na influência do bem-estar das crianças. De modo a facilitar a itinerância do projeto, acordamos tentar ter o formato mais portátil possível,

principalmente sem depender de grandes meios técnicos de luz e som. Outra das nossas concordâncias foi a de haver uma interação entre os atores e espetadores, de modo a que quem assiste sinta que faz parte do que está a acontecer através de estímulos que promovem isso de forma natural. Abordar valores humanos também fez parte da nossa lista de aspetos fundamentais, pois ambos concordamos que num mundo cada vez mais impessoal e individualizado as novas gerações devem ser sempre sensibilizadas para a empatia e para o respeito pelo próprio e pelo outro.

Durante esta fase ficou combinado entre mim e o Paulo que sempre que encontrássemos imagens, frases ou outros elementos que fizessem sentido para o projeto, as partilhávamos um com o outro. Destaco as que seguem abaixo e comento brevemente nas legendas qual a sua relação com algumas das nossas orientações e vontades.



Fig. 61 – O livro banco – referência para o espaço cénico.



Fig. 62 – O livro e o movimento corporal – referência para dinâmicas a criar entre o corpo e o livro.



Fig. 63 – O livro e as novas tecnologias – referência para abordar a influência das novas tecnologias nos hábitos de leitura.



Fig. 64 – As benfeitorias do livro – referência para refletir sobre o discurso da salvação, seja pela arte ou pelos livros.



Fig. 65 – O que o livro pode ser? – referência para criação musical sobre as possibilidades do livro.



Fig. 66 – Pensamentos sobre o livro – referência para o espaço



Fig. 67 – A relação com o livro – referência para a importância de encontrarmos no livro um ‘amigo’.

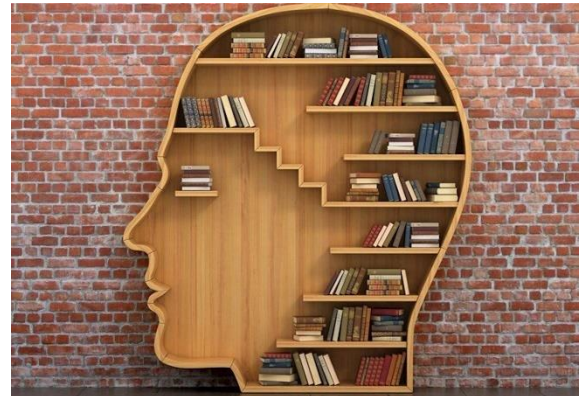


Fig. 68 – Os livros e o cérebro – referência para a construção de conhecimento que o livro permite.

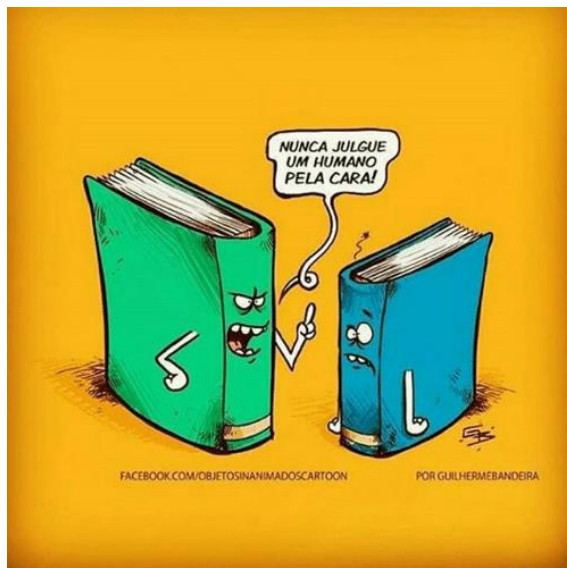


Fig. 69 – O livro e os provérbios – referência para a importância do que é popular (tradição e cultura).



Fig. 70 – A montanha de livros – referência para as realidades e perspectivas diferentes que o livro permite

Em simultâneo começamos a esboçar o espetáculo, em formato peça de teatro, tanto no que se refere ao texto, como às opções cénicas. Uma vez que estava decidido que o texto seria original, ainda que com referências a livros específicos, ponderamos inicialmente uma abordagem mais fantástica (com personagens imaginárias). Posteriormente, pensamos que as personagens poderiam sair dos próprios livros, tal como podemos ver no já referido clássico desenho animado

*Have you got any castles?* da Warner Bros. Também foi iniciado um texto em que a ação se passaria provavelmente num futuro em que os livros seriam raros (anexo 2), até que chegamos à versão em que seríamos pai e filha afastados geracionalmente por uma série de fatores e interesses, mas que se reencontram nos livros, elo que os ligou em tempos através de uma figura maternal que também é insinuada no texto/guião criado (anexo 3). Optamos por abandonar as ideias de argumentos mais surreais precisamente para aproximar o espetáculo do que acontece realmente nos dias de hoje, em que o livro já não é o veículo de eleição para o entretenimento e informação, principalmente junto das novas gerações. Importa referir que não culpamos de todo os avanços tecnológicos ou alterações comportamentais da sociedade atual na forma como se lida atualmente com o livro, simplesmente fazemos uma chamada de atenção para um facto óbvio, sobre o qual é importante refletir e atuar. Aliás, de forma a começar a divulgação do projeto fizemos um vídeo (anexado em formato digital e que pode ser visitado *on line*) para lançar nas redes sociais, em que um jovem *youtuber* Duplex 221, neste caso o meu enteado Santiago, faz um *unboxing* de um livro e lança o desafio da leitura aos seus pares com o *slogan*: “atreve-te a ler!” (que chegou a ser considerado um dos possíveis nomes do projeto).

## **Fase 2 – Criação de um texto espetacular**

Encontrado um mapa de ideias, passamos à fase seguinte, a de criação de um texto espetacular (no já referido anexo 3). Durante os meses de janeiro e fevereiro de 2019 escrevemos e em simultâneo fomos ensaiando com base nesse guião.

Como referido, a ação descreve o encontro entre um possível pai e filha numa situação perfeitamente corriqueira. A filha entra em casa aflita pois o seu telemóvel está sem bateria, ela precisa interagir com as redes sociais nas quais acabou de publicar um vídeo e por isso é urgente encontrar o carregador. O pai encontra-se a compor música, absorto em volta de alguns livros e um piano, mostrando pouco ou nenhum interesse pela angústia da filha. Não julgando quais os interesses mais compreensíveis, o afastamento é notório e nenhum dos dois se importa com isso. No entanto, uma falha elétrica faz com que sejam obrigados a realmente estarem juntos e conversarem.

Neste diálogo vão sendo abordados vários aspetos que visam a reflexão sobre as relações humanas tendo como base principalmente os livros. Tudo começa por uma incursão nas Páginas Amarelas (em papel) na procura do contacto da companhia da eletricidade, busca essa que

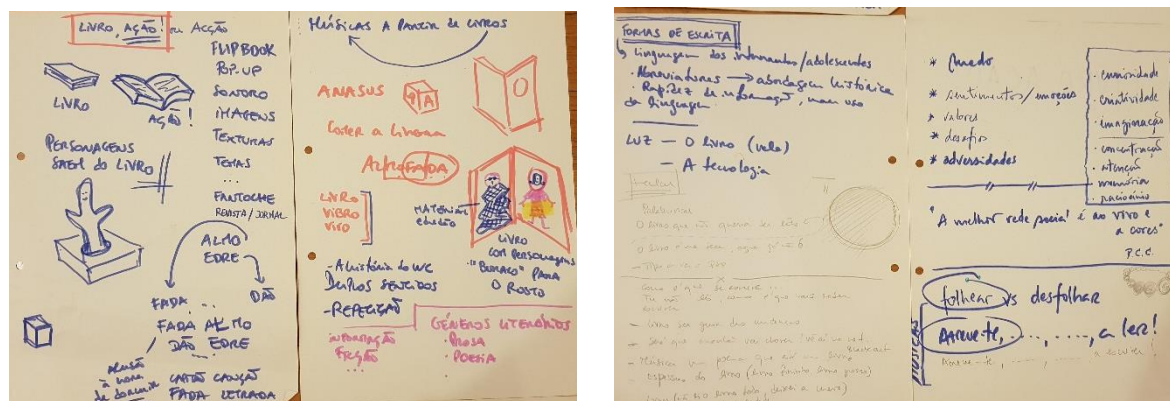
desencadeia uma viagem à estante na qual serão recuperados e ressuscitados diferentes livros. Através dos livros vamos sendo transportados na ação, passamos por livros de texturas que nos despertam os sentidos, por livros *pop-up* que se erguem magicamente na nossa frente, por livros de lengalengas que nos divertimos a repetir, por livros de poesia que nos levam para o lugar nostálgico da saudade, por livros de pautas musicais cuja linguagem só pode ser lida no som de um instrumento musical, entre outros. Nesta jornada percebemos que o que está dentro dos livros faz parte da nossa memória, das nossas vivências e nos transporta para um lugar de vínculo com nós próprios e com o outro.

Em termos cénicos, a peça é bastante simples: um candeeiro, um piano e banco, pautas musicais e estante de música, uma estante com livros (especificamente as Páginas Amarelas, um livro de texturas de bebé, um livro *pop-up*, um livro de lengalengas, um livro de poesia, um livro sobre música, entre outros que podem ser aleatórios), um telemóvel e uns auscultadores, um computador portátil, uma lamparina e um gravador de cassetes. Quanto à luz e som, não há necessidades complexas: na luz os requisitos são uma iluminação geral e um candeeiro que depois se desliga na falha elétrica, e no som o piano e o gravador de cassetes. Conforme referido, foi intencional minimizar as exigências técnicas para fazer do formato o mais versátil possível.

O processo começou pela redação de um texto orientador da ação e depois foram realizados ensaios em que a partir dessa base íamos improvisando, fazendo apontamentos e posteriormente alterando o texto. Nesta etapa descobrimos que a nossa dinâmica em cena era fluida e que tínhamos facilidade em improvisar um com o outro. Além disso, até pelas personagens criadas, a nossa relação era marcada por uma carinhosa oposição, na qual, apesar do confronto, era notório o respeito e ternura. Na realidade eu o Paulo, conforme já foi dito, além do vínculo profissional, temos uma relação de amizade com algumas dessas características, brincamos constantemente um com o outro, mas também nos desafiamos, ora concordamos, ora discordamos, o normal entre dois verdadeiros amigos.

Conforme se encontra esboçado, este espetáculo vai de encontro a algumas das nossas preocupações pois fala e reflete sobre o Livro, tanto como objeto nas suas diferentes tipologias de conteúdo e apresentação, como veículo para conhecimento e lazer; explora referências artísticas e culturais pois remete para escritores, músicos, tradições, entre outros assuntos; e aborda seriamente a problemática das relações humanas, principalmente no que respeita à falta de comunicação. Apesar de não ter chegado a ser apresentado publicamente durante esta

investigação, o projeto deste espetáculo (que certamente virá a cena) reúne muitas das intenções que transportamos para a etapa seguinte, a da Oficina Performativa *Livro. Ação!*



Figs. 71 e 72 – Alguns momentos de *brainstorming* da peça *Livro. Ação!*

### Fase 3 – Oficina *Livro. Ação!*

A fase 3 do projeto *Livro. Ação!* consiste na criação e concretização de uma oficina temática sobre o Livro que partiu de uma encomenda externa a esta investigação, mas que acabou sendo integrada na mesma, até se tornar o seu principal objeto de estudo. Esta oficina aconteceu duas vezes, uma em abril e outra em julho, por isso consideramos que esta terceira etapa decorreu entre março de 2019, altura em que se principiou a preparação da primeira apresentação da oficina, até julho de 2019, data da segunda apresentação.

Já era propósito desta investigação, conforme consta na proposta apresentada ao CTC da ESMAE, a planificação de uma oficina que poderia ou não acompanhar o espetáculo que se estava a construir. Esta intenção ganhou força quando surgiu um convite para realizar uma oficina no evento “Há Livros no Mercado” que decorreu entre os dias 3 de abril e 5 de maio de 2019, no Mercado Bom Sucesso (BS), no Porto. Perante esta encomenda (proposta da mesma no anexo 4), optamos por pausar o trabalho que vinha sendo feito de construção do espetáculo para nos dedicarmos à oficina que viria a acontecer no dia 28 de abril. Assim, durante março e até final de abril, delineamos a Oficina *Livro. Ação!*

Durante a elaboração da resposta ao pedido do Mercado BS (anexo 4) ocorreu-nos produzir também uma oficina de férias de Páscoa com o mesmo tema e título. Esta oficina seria uma versão alargada da que estava já agendada e para nós fazia todo o sentido a sua concretização pois permitia-nos fazer diversas atividades que, entretanto, já estavam pensadas. Uma vez que

desde o início desta investigação havia uma parceria com a Livraria Salta-Folhinhas, fizemos a proposta da oficina de Páscoa à sua responsável Teresa Cunha, que prontamente aceitou. Seria uma semana de atividades em torno do Livro, de 8 a 12 de abril, entre as 10 e as 17h. Os dinamizadores seríamos eu, Susana Brandão, e o Paulo Coelho de Castro, quase sempre em simultâneo, com exceção de uma manhã e um dia em que o Paulo não estava disponível. A ideia era as crianças levarem almoço (tínhamos onde aquecer) e lanche. Infelizmente, não reunimos o número mínimo de inscrições definido para compensar a realização do evento. Segundo a Teresa, com base em alguns testemunhos de pessoas com quem falou, o tema Livro afastou os possíveis participantes por serem férias, altura em que as crianças e jovens preferem temas aparentemente menos “aborrecidos” e relacionados com a escola. Este argumento fez-nos ponderar uma possível alteração de título para o nosso projeto pois já não era a primeira vez que nos diziam que as crianças se assustavam quando ouviam que iam fazer uma oficina com livros ou sobre livros. Porém, fazia parte do desafio mudar esta opinião sobre o Livro, por isso não nos podíamos render a agradar aos que temem o assunto. Foi nessa altura que assumimos mesmo que a palavra Livro faria sempre parte do nome do projeto, fosse ele em configuração espetáculo, oficina ou ambos.





- O público-alvo da Oficina serem famílias compostas pelo mínimo de uma criança e um adulto.
- As crianças participantes terem entre 6 e 12 anos de idade.
- A Oficina possibilitar o contacto com vários livros, de diferentes formatos estilos e conteúdos.
- As atividades propostas na Oficina serem compostas por diferentes expressões artísticas, tais como o teatro, a música e o desenho.
- O resultado da Oficina ser materializado num testemunho físico próximo do Livro.
- Construir um objeto artístico que simultaneamente promove o entretenimento e a aprendizagem.

Quanto a necessidades, uma vez que a nossa intenção foi sempre a criação de um produto adaptável a qualquer espaço e que maior parte dos recursos materiais serão fornecidos por nós, listamos apenas o seguinte:

- Área não inferior a 1m<sup>2</sup> por pessoa.
- Acesso a pelo menos uma tomada de eletricidade.
- Tempo para montagem e desmontagem.
- Ter um limite aproximado de 15 famílias na atividade
- Cada participante levar um livro seu.

No que se refere aos constrangimentos, ainda que para nós tenham sido encarados como desafios, tínhamos a situação de não estar isolados da dinâmica do Mercado BS, principalmente porque mesmo junto à zona da Oficina decorria um segmento da Feira integrada no “Há Livros no Mercado”. Assim, apontamos como constrangimentos/desafios:

- Não contactar diretamente com os participantes (pois inscreviam-se através da equipa do Mercado BS).
- Não controlar a passagem e provável paragem de pessoas não participantes no evento.
- Lidar com possíveis acústicas e ruídos consequentes do funcionamento do Mercado BS.

De seguida, planificamos as atividades e criamos uma grelha síntese (anexo 5), procedimento que me ficou de herança de vários anos a lecionar. Ainda que considere muitas das burocracias exigidas hoje nas instituições de ensino como perfeitamente dispensáveis e sem utilidade,

continuo a não prescindir da planificação para estruturar o meu trabalho. Ter um plano dá segurança, mesmo que este não se cumpra, pois oferece um suporte que minimiza desvios, seja nas ações ou nos tempos; e facilita possíveis acertos.

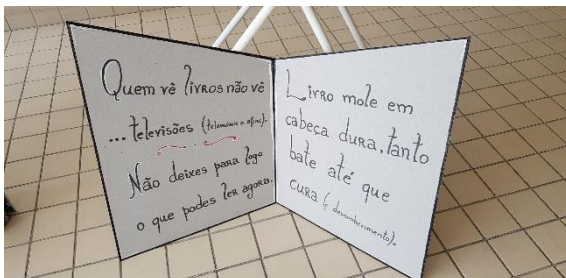
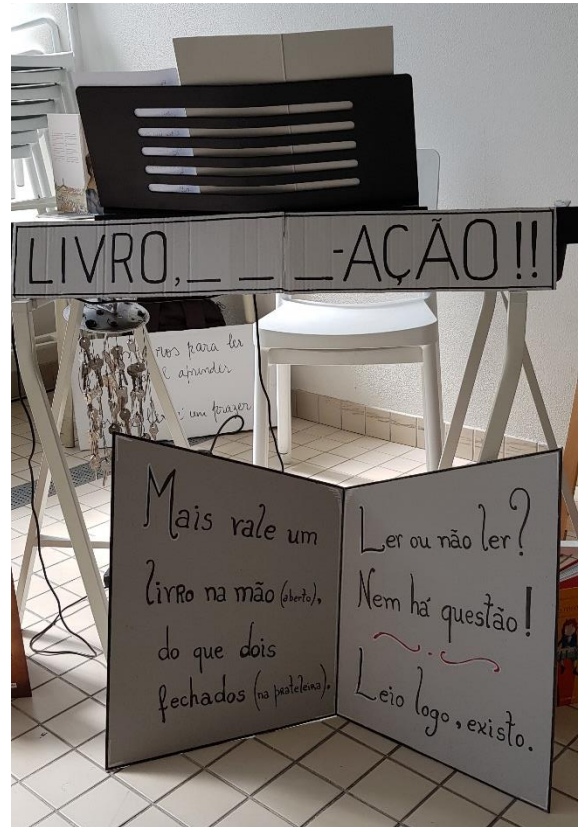
A grelha de planificação é composta por 5 colunas: na primeira surgem cada um dos momentos do plano, na segunda o conteúdo abordado, na terceira a descrição das ações realizadas, na quarta os recursos utilizados e na última a duração das atividades. Este documento não é fechado e obviamente não foi definido todo de uma vez, pelo contrário, foi sendo revisto e alterado ao longo do processo de criação da Oficina, sendo que a que se encontra em anexo é a versão final à data da primeira realização da mesma. Evidentemente aconteceram ajustes durante a concretização das atividades, mas de um modo geral o esquema foi seguido e as nossas intenções foram atingidas. No que respeita às nossas necessidades, estas foram consideradas por parte da organização do Mercado, que proporcionou o espaço e condições solicitadas. As inscrições, que conforme referido não controlávamos pois eram da responsabilidade da organização do evento “Há livros no Mercado”, esgotaram, ainda que três famílias das inscritas não tenham comparecido. Contamos com a presença de 12 famílias, com dois ou três elementos cada, e duas crianças isoladas. Apesar da divulgação referir que os adultos deveriam participar da oficina, aconteceram dois casos em que o adulto não ficou a realizar as atividades.

Assim, no dia 28 de abril de 2019, entre as 11h e as 13h, decorreu a Oficina *Livro. Ação!* no Mercado Bom Sucesso. À medida que os participantes foram chegando ao local eu e o Paulo convidamos a passear na Feira do Livro (houve vários potenciais compradores, mas não estava presente nenhum responsável pelo evento para efetuar a venda), posteriormente convocamos todos os inscritos para o local da oficina e demos início às atividades. Os momentos da oficina, conforme consta do plano, foram divididos em introdução, dinâmicas 1 a 4 e fecho (ver desenvolvimento na planificação anexada). A música teve uma forte componente nas dinâmicas, as letras das canções criadas para a oficina podem ler-se em anexo (anexo 6). O desenho/ilustração foi outra das artes utilizada para as dinâmicas, como se pode ver pelo Livro resultante da oficina. No que se refere ao espaço, optamos por fazer alguns cartazes com frases e textos que foram surgindo no processo (anexo 7).

De uma maneira geral, ficamos satisfeitos com o resultado da oficina e consideramos ter alcançado os objetivos, ainda que com a consciência que poderíamos melhorar alguns aspetos, nomeadamente:

- Criar personagens para nós, orientadores da oficina, de modo a aproximarmo-nos mais dos participantes (principalmente das crianças) e criar empatia.
- Enquadrar as atividades num todo mais unificado, como por exemplo inserir os diferentes momentos numa narrativa.
- Diminuir o carácter explicativo das ações, colocando a comunicação num tom menos didático.
- Diversificar a constituição dos grupos (nos quais as famílias nunca foram separadas), arriscando separar quem ia junto, fazendo por exemplo grupos só de crianças e/ou grupos só de adultos.
- Dar mais lugar ao erro, a começar por nós próprios, de modo a que este não seja encarado como sinal de fracasso, mas pelo contrário como sinal de processo de aprendizagem.
- Possibilitar mais espaço para a afirmação da identidade, adaptando algumas atividades a características próprias de cada participante (como por exemplo privilegiar o desenho numa criança com dificuldade na leitura e/ou escrita).
- Melhorar a gestão do tempo, não só porque os atrasos em algumas atividades prejudicam outras, mas também porque ultrapassar o *timing* de concentração das crianças pode ser decisivo no sucesso das ações.
- Desconstruir mais a disposição física, o que pode passar por evitar separações entre participantes e orientadores, distribuir o material cénico de forma menos convencional, ou seja, desarrumar mais o espaço.

Ainda que não tenhamos solicitado nenhum *feedback* aos participantes, estes voluntariamente revelaram ter apreciado a Oficina, o que na generalidade foi notório no decorrer da mesma. Após alguns dias da realização do evento foram enviados *e-mails* para todos os que contribuíram para o *Livro. Ação!*, não só para agradecer a presença, mas também para partilhar o documento em PDF com o resultado final do trabalho realizado do qual podemos ver todas as imagens anexadas neste documento (anexo 8).





2 amigos - monte de coisas bonitas - decoração  
ruínas - Centro Comercial, beijinhos  
peixe - esforço para chegar à luz  
Cochos - traseira a correr, abraço  
abelhudo viu um lobo - palhaço  
pôr-do-sol, hipopótamo  
dormir de barriga - festa do pijama  
mestre mocho - lobo  
sai daí, vem lanchar  
mamocoradas, elefantes





Figs. 77 a 109 – Momentos da 1ª edição da Oficina Livro. Ação! no Mercado BS

### Oficina Livro. Ação! – 2ª edição

Após a realização da oficina no Mercado Bom Sucesso, eu e o Paulo tínhamos a intenção de a repetir o mais possível e tentamos agendar outras edições. Infelizmente, até à data possível para finalização do projeto final de mestrado, só conseguimos concretizar mais uma por dois motivos de força maior: por um lado, devido à minha recente maternidade, a Clara estava a meu cargo durante o dia o que dificultava a gestão de tempo, por outro, devido à disponibilidade do Paulo, a agenda profissional dele ficou muito preenchida a partir de abril e eram escassos os dias livres para realizar a oficina. Fizemos alguns contactos para possíveis marcações, que iremos retomar, mas que não foram possíveis de materializar durante o intervalo de tempo a que o calendário do

mestrado obriga. Sendo assim, a segunda oficina foi marcada para o dia 14 de julho, por nossa iniciativa, na livraria Salta Folhinhas. Conforme referido, já tinha sido estabelecida uma parceria com a livraria e com a Teresa Cunha desde o início do projeto. Assim, ficou definido que tanto nós como ela faríamos a divulgação do evento (anexo 9) e que este seria cobrado em bilheteira (devido ao já mencionado carácter comercial associado ao produto oferecido). Como também era um objetivo incentivar à compra dos livros, o bilhete tinha um desconto considerável na aquisição de um qualquer livro da livraria. Nesta oficina a Teresa cedeu para consulta todos os livros expostos, não havendo a necessidade de os participantes levarem livros de casa. Neste sentido, foi realizada uma pré-seleção de cerca de 40 livros com temas pertinentes no âmbito da investigação, tais como: identidade, diferença, emoções, entre outros. Esta opção permitiu que se desse a conhecer aos participantes livros infantis de referência. As nossas intenções e necessidades mantiveram-se as mesmas que anteriormente, sendo que no que se refere a constrangimentos apenas tínhamos o receio de não alcançar o número mínimo de 10 famílias inscritas. Felizmente, ultrapassamos essa meta e reunimos participantes suficientes.

No que se refere à organização das atividades, estas seguiram o alinhamento da planificação anterior, ainda que com algumas alterações resultantes da lista de aspetos a melhorar elaborada na Oficina do Mercado BS. Deste modo, as principais mudanças foram:

- A caracterização de duas personagens que se iam desenvolvendo ao longo da história e estabelecendo relações entre si e com os participantes. Não sendo ator, o Paulo naturalmente constrói uma figura nas suas performances musicais, por isso ele mantinha-se ele próprio, acentuando por vezes algumas das suas particularidades quando atuava comigo. Assim, usou na mesma o nome Paulo, apresentou-se como músico e esteve constantemente a fazer rimas, piadas e a 'meter-se' com os participantes. Eu nunca o tratava pelo nome e chamava-o sempre com alcunhas começadas por P, tais como Paquito, Pardalito, entre outras. A minha personagem era a Agustina, por um lado por ser um nome inabitual, e por outro porque remete para a Agustina Bessa Luís. A personagem da Agustina procura estar próxima do público participante adotando uma postura bem-disposta, dinâmica e um pouco disparatada. Outro aspeto importante na criação da Agustina foi o seu figurino, o qual eu própria concebi. A minha intenção era que ela vestisse algo simples e prático, mas ao mesmo tempo alegre. Optei por usar um macacão azul cerúleo, liso com dois bolsos à frente, e umas meias de várias cores com dedos separados. Dos bolsos do macacão caíam fios de várias cores que pertenciam aos colares que seriam distribuídos para a formação de grupos.

- A criação de uma narrativa que serviu de fio condutor às atividades. Uma história simples, na qual as duas personagens se confrontam, pois, a Agustina quer escrever um livro, mas acha que para isso não tem necessariamente de ter o hábito de ler; o Paulo discorda e não parece muito disponível para lhe dar uma oportunidade. Agustina procura junto dos participantes ajuda nessa empreitada, de modo a provar ao Paulo que consegue. Apesar da oposição, nota-se que a Agustina e o Paulo são amigos e têm afeto mútuo. Esta relação foi retomada da peça escrita no início deste projeto. Aliás, o alinhamento pensado começava de modo semelhante, eu entrava em cena preocupada com a bateria do telemóvel e o Paulo desatendia a minha angústia em prol das músicas e dos livros. No entanto, na oficina eu utilizava um telefone antigo, de fio, o que fez com que a minha entrada provocasse curiosidade e estranheza em simultâneo. A introdução deste objeto remete para a sensibilização em relação ao passado e ao conhecimento da realidade pré novas tecnologias, que começa a ser cada vez mais distante. Tal como o livro, o telefone é um objeto que passou por grandes mudanças. Ao introduzir referências neste sentido, tratamos a importância da História e da Cultura para a compreensão da atualidade.

- O acrescento de um novo momento musical que convidou à participação do público. Após a entrada com o telefone, eu começava a falar sobre o meu desejo de escrever um livro. O Paulo mencionava que para isso eu deveria ler mais, e que nem sequer tinha lido um livro de lengalengas que me havia oferecido. Eu menosprezava os seus conselhos e, enquanto isso, ele estava ao piano a tocar alguns acordes, como se estivesse a compor. Aos poucos ouvia-se a lengalenga musicada “Bichinho da Conta”, sobre a qual estava exposto também um cartaz animado que permitia manipulação. Entretanto, eu mostrava interesse por tudo aquilo e o Paulo explicava que a lengalenga que tinha dado origem à música era retirada do livro que ele me tinha dado e que o cartaz era composto por imagens sugeridas a partir das palavras do texto. De seguida, o Paulo tocava, eu manipulava o cartaz e o público era convidado a cantar (letra em anexo). Optamos por incluir o cartaz e a composição musical a partir da lengalenga popular “Bichinho da Conta” (concebidos pelo Paulo para uma das performances musicais do projeto Fauna e Flora) como forma de demonstrar o carácter multidisciplinar do livro a partir do qual tantas coisas podem surgir, tais como música, desenho e teatro.

- As apresentações também se fizeram de forma diferente do que na edição anterior. Na edição anterior da oficina a apresentação foi feita através de uma dinâmica muito habitual, na qual os participantes dizem o seu nome, seguido de um movimento e um som, e posteriormente todos repetem. Ainda que útil para ‘quebrar o gelo’ e ativar o corpo, não

acrescentava muito ao tema. Assim, na sequência da história voltou a surgir a referência ao telefone e às comunicações através de um estranho objeto que permite comunicar através de cabos e tubos de aspirador, e duas partes do gargalo de garrafas de água. O funcionamento é equivalente ao conhecido telefone de copos que habitualmente se constrói na infância e que permite que uma comunicação à distância. A originalidade deste objeto totalmente construído com materiais do lixo materializa duas questões importantes a abordar por mim e pelo Paulo, não só neste projeto, mas em todo o nosso trabalho. Em primeiro lugar, a criatividade, a importância de ter capacidade inventiva pois esta vai sempre dotar o indivíduo de ser surpreendente. Em segundo lugar, a reutilização, consciencialização de que este é um comportamento fundamental na atual sociedade de consumo. Todas as crianças tiveram a oportunidade de experimentar o telefone gigante e, naturalmente curiosas, revelaram muito entusiasmo na sua utilização.

- A distribuição de grupos foi feita de forma mais variada e até arriscada. Tal como na oficina anterior, a formação dos grupos aconteceu através de colares com letras da palavra LIVRO, sendo que todos os participantes com colar de letra igual, fazem parte de um grupo. Na oficina do Mercado BS, optei por não separar as famílias por ter algum receio de criar inseguranças nos mais pequeninos, o que poderia prejudicar a sua participação nas atividades. Nesta edição, uma vez que as dinâmicas já tinham sido quase todas testadas, desagreguei praticamente todas as famílias (à exceção de uma composta por 1 adulto e 3 crianças) e fiz um grupo exclusivamente de adultos. Tive vontade de fazer um grupo só de crianças, mas tive algum receio de não conseguir dar-lhes o devido acompanhamento, por isso terá de ficar para uma próxima edição. O principal motivo para ter desvinculado as famílias foi a constatação, na oficina do Mercado BS, de que os pais frequentemente interferiam no trabalho criativo dos filhos, dando opinião, fazendo comentários sobre o que está certo ou errado e, muitas das vezes, querendo fazer por eles. Ao separar as famílias foi retirada esta pressão das expectativas. Ainda que se tenham mantido adultos misturados com crianças na maioria dos grupos, foi interessante verificar que quando não há elo familiar, os adultos dão espaço à criatividade e não se querem intrometer tanto. O motivo que me levou a fazer um grupo só de adultos foi ter verificado na oficina do Mercado BS que os adultos, na sua maioria, manifestam bastante vontade de fazer, de produzir, com o entusiasmo de quem aproveita a oportunidade para voltar a ser criança. Foi notório que os adultos se divertiram uns com os outros, independentemente das crianças, porque lhes foi proporcionado um ambiente em que estavam à vontade para fazer coisas como cantar, dançar, desenhar, rir às gargalhadas, entre outras.

- A comunicação das atividades através de uma linguagem informal, próxima e com vista a um propósito comum. Uma das fragilidades detetadas na oficina do Mercado BS foi a forma como se transmitiram as dinâmicas, sendo que esta comunicação era da minha responsabilidade. Confesso que este é um dos aspetos com o qual mais me debato para mudar pois tenho consciência da minha atitude de 'professora' no sentido comum do termo, ou seja, por vezes demasiado expositiva, com a necessidade de explicar todos os conteúdos e ações, deixando pouco espaço à descoberta e ao improviso. A opção pela criação de personagens e a narrativa que alicerçou a oficina permitiu sair um pouco desse lugar didático, além disso fez com que os participantes sentissem que fazem parte da história e contribuem para o seu desenvolvimento.

- Não esconder as fragilidades e dar lugar ao inesperado. Falando aqui numa perspetiva mais pessoal, como me atrevi a sair da minha zona de conforto, naturalmente aconteceram algumas surpresas que, sendo melhores ou piores, permitiram descobertas, principalmente para a minha identidade enquanto pessoa, professora e artista. Conforme referido, não foi possível repetir a oficina mais que duas vezes e entre as duas edições não houve muitas oportunidades para eu e o Paulo estarmos juntos, o que me preocupou bastante. Porém, chegado o dia da apresentação do *Livro. Ação!* perante o júri do CTC da ESMAE, optei por aceitar esta realidade e usufruir, tentando também eu voltar a ser criança, divertindo-me e deixando de me preocupar tanto com o que vem a seguir, o que devo explicar, o que se tem de fazer. Assim, assumidamente escrevi o alinhamento da oficina nos braços, nos quais também fui rabiscando algumas notas, e coloquei no bolso do macacão um caderninho ao qual poderia recorrer sempre que necessário.

Dos aspetos a aperfeiçoar listados após a oficina do Mercado BS, constavam ainda: melhorar a gestão de tempo, configurar uma disposição física menos rígida e potenciar sempre a individualidade dos participantes. No que se refere ao tempo, este não foi devidamente controlado e por vezes o *timing* de algumas das atividades excedeu o previsto. Isto aconteceu por um lado porque inserimos algumas coisas que não constavam da planificação anterior e não se fez o devido ajuste. Além disso, por vezes perdemos-nos nos improvisos e nem sempre soubemos voltar a engrenar no alinhamento. As principais consequências menos positivas dos deslizos de tempo foram quebras de atenção por parte dos participantes e a diminuição do tempo previsto para a fase mais criativa da oficina, dedicada à escrita, ilustração e apresentação da história. Como uma coisa leva à outra, a diminuição da fase criativa, prejudicou a exploração da imaginação e da criatividade ao colocar a pressão temporal nos participantes. Quanto à configuração, apesar de

termos colocado almofadas no chão e não cadeiras (como estava no Mercado BS), a melhoria não foi muito acentuada. Neste aspeto, a desconstrução deveria ter sido maior. Provavelmente não pôr as almofadas e deixar que cada um tirasse a sua e se sentasse ou quebrar mais o grupo intervindo mais meio das pessoas. Havia a intenção de os participantes desenharem o chão com giz, de forma a que se movimentassem através de registos gráficos, o que iria desconfigurar o espaço, mas no próprio dia verifiquei que o giz praticamente não marcava o piso. Outro dos aspetos que apresentou fragilidades foi que nem sempre foi possível prestar a devida atenção às necessidades individuais das crianças e jovens, mas também dos seus familiares. Isto fez com que nem todos se sentissem seguros para exprimir a sua identidade, principalmente em público através das apresentações. Ainda assim, de uma maneira ou de outra, considero que os participantes, todos eles, em algum momento da oficina, descobriram algo mais sobre si próprios e, todos, descobriram um pouco mais o Livro. O Livro resultante da oficina, assim como as opiniões dos participantes que foram solicitadas, estão anexados a este documento (respetivamente anexo 10 e 11).











Figs. 110 a 121 – Momentos da 2ª edição da Oficina Livro. Ação! na Livraria Salta-Folhinhas

### 3 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

#### QUAIS OS RESULTADOS DO PROJETO?

##### Discussão final acerca de *Livro, Ação!*

Em todos os projetos que já realizei, anteriores e no decorrer do mestrado, procuro responder a três tarefas fundamentais dos processos educativos: a formação de identidades pessoais, a reprodução cultural e a integração social. Observa-se que a escola se especializou na reprodução cultural e tem negligenciado as outras duas, mesmo com a consciência de que é responsável também por elas. No meu entender, estas três tarefas encontram paralelo com as estruturas do 'mundo da vida' e funções da linguagem segundo o já referido filósofo Habermas (1989). A linguagem tem três funções: a representativa, ligada ao mundo objetivo (falar sobre algo no mundo); a interativa; ligada ao mundo social (comunicar-se com o outro); e a expressiva, ligada ao mundo subjetivo (expressar o que vai na mente). Estes mundos correspondem respectivamente às tradições culturais, solidariedades sociais e estruturas da personalidade, elementos fundamentais do 'mundo da vida'.

Na Oficina Performativa *Livro, Ação!* foram tidos em conta os três elementos referidos:

Antes de mais o tema sobre o qual versou o projeto – o Livro – produto de excelência no que se refere a comunicar de forma objetiva sobre o mundo, as tradições e a cultura.

O público a quem se dirigiu – famílias (pais, filhos, avós ou outros) – o que proporcionou uma interação que se situa no campo social e das relações.

As atividades realizadas – desafios criativos e expressivos – que permitiram pensar com criatividade, manifestar opiniões e exprimir sentimentos, no campo da identidade e personalidade.

As três esferas da objetividade, sociedade e personalidade são fragmentos de um todo indissociável e por isso serão sempre imprescindíveis no meu trabalho. Neste início do projeto

*Livro, Ação!* (que certamente irá continuar no futuro) todas as criações e atividades pensadas têm como grande objetivo contribuir para a construção de um 'mundo da vida' justo, equilibrado e feliz, no qual a consciência moral é fundamental.

## **AFINAL, O QUE DESCOBRI?**

### Ponderações finais sobre a postura professora/artista

*"Como é que se vai saber se já se descobriu o que queria descobrir?"* (Eversman citado por Arlander, 2016, p.17) Chegado o momento de refletir acerca desta investigação, mais do que considerar relevante se fiz alguma descoberta, importa observar o que mudou na minha postura de educadora pesquisante.

Antes de ingressar neste mestrado defendia uma série de ideias e procurava alcançar alguns ideais. Apesar de manter a generalidade das minhas opiniões e continuar a perseguir os mesmos propósitos, todo o percurso até ao momento atual permitiu-me uma tomada de consciência da subjetividade do campo de atuação artes/educação e da dificuldade em materializar vontades, por mais carregadas de boas intenções que sejam. De facto, quando estamos inseridos no sistema de ensino, dentro das salas de aulas, em relação direta com a comunidade escolar, percebemos a urgência de fazer algo na educação pois, por mais discursos positivos que surjam, as mudanças são diminutas e a escola, de uma forma geral, continua a não dar resposta às necessidades atuais. Perante isto, entre alunos e professores, há aqueles que baixam os braços céticos e desapontados, e há aqueles que os levantam e sobem às secretárias em manifesto. Ao longo do meu tempo de docência tentei sempre fazer parte do segundo grupo, ainda que em momentos de frustração me tenha ocorrido que o melhor seria pertencer ao primeiro. Obviamente que, pela minha natureza ativa, não me rendi e segui a tentar, a experimentar e a intervir, ainda que muitas vezes de forma intuitiva. Para tal, elegi essencialmente o teatro, por acreditar na sua capacidade regeneradora.

Essa atitude trouxe-me ao ponto onde me situo hoje e termino esta etapa mais criteriosa em relação ao referido 'lugar de fala' que me propus encontrar no panorama da educação "pelas" artes ou "através" das artes, designações que por si só já contêm a carga de posicionar as artes numa vertente produtiva, reduzida à técnica e à operação. Se tento contrariar a busca por resultados em

privilégio do desenvolvimento integral do ser humano, porque acabo sempre por esperar efeitos das minhas ações artísticas? Provavelmente porque eu própria sou vítima da minha formação, pois aprendi de forma fragmentada e fechada, mesmo tendo feito um percurso académico nas artes. Provavelmente porque fui/sou professora e o facto de lecionar de acordo com as leis do sistema, trouxe-me procedimentos típicos da profissão, tais como diagnosticar, expor, testar e avaliar. Provavelmente porque nos tempos atuais não nos permitimos simplesmente a contemplar. *"En ninguna época, se han cotizado más los activos, es decir, los desasosegados. Cuéntase, por tanto, entre las correcciones necesarias que deben hacerse al carácter de la humanidad el fortalecimiento en amplia medida del elemento contemplativo"* (Han, 2012, p. 25). Provavelmente porque esquecemos a essência de brincar inerente ao ser humano, e não só à criança. *"Man only plays when he is in the fullest sense of the word a human being, and he is only fully a human being when he plays."* (Schiller, 1794, para.9)

No início desta investigação expus a provocação: como preparar os mais novos para a contemporaneidade e ensinar para um aprender ativo e significativo? A contemporaneidade pressupõe que aceitemos a realidade atual, por isso, uma educação com ação e significação não pode negar a sociedade do rendimento em que vivemos. No entanto, também não pode ignorar que lida com indivíduos. Assim, do mesmo modo que é urgente aproximar a escola da vida real, é urgente que os processos de ensino/aprendizagem recuperem o jogo, a contemplação e o caos, seja "pela" arte ou "através" da arte. *"Disfruta más y te irá mejor. Todos nosotros deberíamos jugar más y trabajar menos. Entonces produciríamos más"* (Han, 2012)

Terminado o projeto *Livro. Ação!*, com todas as suas contrariedades e mais valias, a constatação que sobressai e que incendeia ainda mais as minhas inquietações é a de que, no panorama da educação atual, há uma extrema complexidade e, provavelmente, impossibilidade da prática artística 'inútil', que não visa um objetivo, seja ele qual for. Isto porque o exercício de educar nunca é neutro e pressupõe sempre ideologias, crenças, conceitos e preconceitos e práticas que naturalizamos e de que é importante tomarmos consciência, não para as eliminar porque não o conseguimos fazer porque somos humanos, mas para termos em conta que o que concebemos e propomos nunca é imparcial nem objetivo.

Assim, a educação e a arte, tal como o ensino e a aprendizagem, não precisam de acontecer um pelo outro, ou um através do outro, precisam apenas de acontecer um com o outro, juntos. *"Então não há ensinar sem aprender e os dois são momentos de um processo maior – o conhecimento."*

*Para aprender eu preciso ensinar e para ensinar eu preciso ter aprendido e continuar aprendendo. (...) Uma das belezas do processo de ensinar é justamente essa possibilidade que se abre de continuar aprendendo” (Freire, 1994, p. 7). Assim, termino modestamente esta etapa do meu caminho pessoal e profissional com vontade de continuar a aprender, para que possa continuar a ensinar.*



Fig. 122 – Desenho feito por mim durante o projeto.

## 4 – REFERÊNCIAS

### Livros e revistas:

- Arlander, A. (2016, junho). Investigação em Arte e/ou como interdisciplinaridade. In Almeida, C. & Alves, A. (Ed./Org.), *Artistic Research Does* (vol. #1, pp 1–28). Porto: I2ADS.
- Boal, A. (2009). *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira
- Bogart, A. & Landau, T. (2005). *The Viewpoints Book: A Practical Guide to Viewpoints and Composition*. New York: Theatre Communications Group
- Calvino, I. (1993). *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras
- Deleuze, G. & Parnet, C. (1998). *Diálogos*. São Paulo: Escuta
- Fo, D. (2004). *Manual Mínimo do Ator*. São Paulo: SENAC
- Freire, P. (1994, março). Publicação da Escola Comunitária de Campinas. *O Comunitário*, edição nº 38, ano VI, 6–9
- Gardner, H. (1993). *Frames of Mind: the Theory of Multiple Intelligences*. New York: Basic Books
- Habermas, J. (1989). *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro
- Han, B. C. (2012). *La sociedad del cansancio*. Barcelona: Herder Editorial, S. L.
- Martins, C. S. (2018) The alchemies of the arts I education – Questioning some of the ingredients of the recipe. In Jörissen, B. Unterberg, L. Klepacki, L. Engel, J. Flasche, V. & Klepacki, T. (eds.) *Spectra of transformation – arts education research and cultural dynamics*. Nova Iorque, Münster: Waxmann, vol. 18, pp. 51–56
- Schiller, F. (1909–14). Letters upon the Aesthetic education of man. Letter IX. In *Literary and Philosophical Essays*. Vol. XXXII. The Harvard Classics. Nova Iorque: P.F. Collier & Son, 1909–14. Nova Iorque: Bartleby.com, 2001. Recuperado de [www.bartleby.com/32/](http://www.bartleby.com/32/).

Wesseling, J. (2017). Da Esponja, Pedra e o Entrelaçamento com o Aqui e o Agora. Uma Metodologia da Investigação em Arte. In Almeida, C. & Alves, A. (Ed./Org.), *Artistic Research Does* (vol. #2, pp 13-25). Porto: I2ADS.

#### Legislação:

Decreto-lei nº 344/90, de 2 de novembro. *Diário da República nº 253/1990 – 1ª série.*

Lisboa: Ministério da Educação

Despacho n.º 8476-A/2018, de 31 de agosto. *Diário da República nº 168/2018 – 2ª série.*

Lisboa: Ministério da Educação

#### Sites:

Direção Geral de educação [On-line] Autonomia e flexibilidade curricular <http://afc.dge.mec.pt>

Direção Geral de educação [On-line] Plano Nacional das Artes <https://www.dge.mec.pt/plano-nacional-das-artes>

(EN)cena [On-line] [encenateatro.pt](http://encenateatro.pt)

Facebook (EN)cena [On-line] [facebook.com/EN.cena.portocanal](https://www.facebook.com/EN.cena.portocanal)

YouTube [On-line] CCCartoons. (2011, janeiro 26). *Have you got any castles?* [VÍdeo File].

Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=P-RxoBs6UAc>

YouTube [On-line] Duplex 221, (2018, novembro, 23) *Duplex221, ep4: Unboxing, caixa mistério - Atreve-te a ler!!* [VÍdeo File]. Recuperado de

[https://www.youtube.com/watch?v=vl\\_nSJ0lq3g&t=34s](https://www.youtube.com/watch?v=vl_nSJ0lq3g&t=34s)

## 5 – LISTA DE IMAGENS

Figs. 1 a 4 – Imagens da peça “Adolescer” de Ohara Ramos e Susana Brandão (imagens captadas por Susana Brandão)

Figs. 5 a 8 – Imagens da peça “Como é que eles são?” de Lucinda Coxon (imagens captadas por Susana Brandão)

Figs. 9 a 12 – Imagens da peça “Vida” de Pablo Fidalgo (imagens captadas por Susana Brandão)

Figs. 13 a 16 – Imagens da peça “O Coro dos Maus Alunos” de Tiago Rodrigues (imagens captadas por Susana Brandão)

Figs. 17 a 22 – Oficinas de Teatro para a infância “Feitiços e Enigmas” da Academia (EN)cena (imagens captadas e cedidas por Sérgio Mourão)

Figs. 23 a 26 – Aulas de teatro na escola Chapim Azul (imagens captadas por Susana Brandão)

Figs. 27 e 28 – Apresentações de teatro na Chapim Azul aos outros grupos da escola (imagens captadas e cedidas por Stephanie Rowcliffe)

Figs. 29 a 32 – Atividades *Segni Mossi* em La Mona Chita, Vigo (imagens captadas e cedidas por Patricia Gestoso Abrain)

Figs. 33 e 34 – Mapas mentais realizados em Seminário de Investigação (imagens captadas por Susana Brandão)

Figs. 35 a 40 – Imagens Laboratório “Antígona” realizado em Dramaturgia I (imagens captadas por Susana Brandão)

Figs. 41 e 42 – Pesquisa Artística I – trabalho de embriões de pesquisa (imagens captadas e cedidas por Claire Bynion)

Figs. 43 e 44 – Pesquisa Artística I – apresentação “Hoje Pensei em Você” (imagens captadas e cedidas por Inês Vicente)

Figs. 45 a 48 – Apresentação “Hoje Pensei em Você” no Mira Artes Performativas (fotos captadas e cedidas por Patrícia Barbosa, cartaz da minha autoria).

Figs. 49 e 50 – Pesquisa Artística II – trabalho de variáveis de pesquisa (imagens captadas e cedidas por Inês Vicente)

Figs. 51 a 54 – Pesquisa Artística II – apresentação “Viagem Interestelar” (imagens captadas e cedidas por Inês Vicente)

Fig. 55 – Árvore do Teatro do Oprimido. Recuperado de <http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=1259>

Fig. 56 e 57 – Apresentação “Linhas de Fuga” ESMAE (imagens captadas e cedidas por André Batista)

Fig. 58 – Cartaz “Linhas de Fuga” ESMAE (da autoria de Maria Caetano Villalobos e Rolando Galhardas, foto de ecografia da minha filha Clara Mourão)

Figs. 59 e 60 – Equipa *Livro. Ação!* (Susana Brandão e Paulo Coelho de Castro – fotos cedidas pelos próprios)

Fig. 61 – O livro banco – referência para o espaço cénico. Recuperado de <https://www.pinterest.pt/pin/362962051217439558/?lp=true>

Fig. 62 – Fig. 62 – O livro e o movimento corporal – referência para dinâmicas a criar entre o corpo e o livro. (fonte desconhecida)

Fig. 63 – O livro e as novas tecnologias – referência para abordar a sua relação. Recuperado de <https://hebertgutierrez.blogspot.com/2017/02/los-millennials-parte-1.html>

Fig. 64 – As benfeitorias do livro – referência para refletir sobre o discurso da salvação, seja pela arte ou pelos livros. Recuperado de <https://www.cm-gouveia.pt/agenda/comemoracao-do-dia-mundial-do-livro-infantil/>

Fig. 65 – O que o livro pode ser? – referência para criação musical sobre as possibilidades do livro. Recuperado de <http://linguaportuguesaem5minutos.blogspot.com/2019/06/os-livros-sao-momento-leitura-e-reflexao.html>

Fig. 66 – Pensamentos sobre o livro – referência para o espaço (imagem captada e cedida por Paulo Coelho de Castro)

Fig. 67 – A relação com o livro – referência para a importância de encontrarmos no livro um ‘amigo’. Recuperado de <https://www.pinterest.pt/pin/1266706115493013/?lp=true>

Fig. 68 – Os livros e o cérebro – referência para a construção de conhecimento que o livro permite. Recuperado de <https://medium.com/the-mission/if-you-only-read-a-few-books-in-2018-read-these-89d03fc149c6>

Fig. 69 – O livro e os provérbios – referência para a importância do que é popular (tradição e cultura). Recuperado de <https://me.me/i/nunca-julgue-um-humano-pela-cara-facebookcom-objetosinanimadoscartoon-por-guilhermebandeira-srguede-16436692>

Fig. 70 – A montanha de livros – referência para as realidades e perspectivas diferentes que o livro permite. Recuperado de <https://nepo.com.br/2014/03/21/nossa-especie-nunca-sabera-o-que-e-a-realidade/ler-para-subir-montanhas/>

Figs. 71 e 72 – Alguns momentos de *brainstorming* da peça *Livro. Ação!* (imagens captadas por Susana Brandão)

Figs. 73 a 76 – Momentos da concepção da Oficina *Livro. Ação!* (imagens captadas por Susana Brandão e Paulo Coelho de Castro)

Figs. 77 a 109 – Momentos da 1ª edição da Oficina *Livro. Ação!* no Mercado BS (imagens captadas e cedidas por Inês Vicente)

Figs. 110 a 121 – Momentos da 2ª edição da Oficina *Livro. Ação!* na Livraria Salta-Folhinhas (imagens captadas a partir de vídeo por Sérgio Mourão)

Fig. 122 – Desenho feito por mim durante o projeto (autoria Susana Brandão)

**Nota:** Foram autorizados os direitos de imagem por parte de todos os participantes das atividades descritas ao longo deste trabalho. Porém, pela dificuldade de reunir todas as autorizações (uma vez que maior parte estão em processos individuais das escolas, outras na posse do Mercado BS, entre outras localizações), se houver necessidade, solicitarei essas mesmas prontamente.

## 5 – ANEXOS

## ANEXO 1 – Desenvolvimento teórico do subcapítulo

### O QUE ME INSPIROU E/OU INQUIETOU?

#### Referências artísticas que enquadram e influenciam o projeto *Livro, Ação!*

#### **Formação integral do ser humano/Articulação escola–teatro/Metodologia de projeto**

À medida que o teatro foi ganhando espaço na minha atividade profissional, principalmente no que se refere ao trabalho com crianças e jovens, a minha convicção de que esta atividade artística é a mais proficiente para o campo educacional foi aumentando. Conforme refiro na apresentação da acima mencionada Academia (*EN*)*cena*, segundo a Teoria das Múltiplas Inteligências (Gardner, 1993, pp. 3–11), a qual já tinha aprofundado no mestrado em ensino de artes visuais, a inteligência humana é composta por competências intelectuais que têm uma certa autonomia entre si, mas que se combinam e relacionam de infinitas maneiras. Associando o jogo teatral às múltiplas inteligências podemos potenciar a dimensão cognitiva individual, as relações sociais, assim como a aquisição de conhecimento e ampliação do universo artístico e cultural. Assim, o processo de criação, desconstrução e recriação inerente ao teatro revela um enorme potencial para o desenvolvimento integral do ser humano e, ao possibilitar uma aprendizagem articulada e personalizada, pode desempenhar um papel fundamental para a educação e ensino. Assim, não posso deixar de indicar a Academia (*EN*)*cena* como referência, principalmente o projeto de oficinas que focam conteúdos escolares integrantes dos currículos, sobre os quais as crianças operam a partir de jogos, desafios e de atividade teatral. Os mais novos precisam de apoio para, com criatividade e imaginação, processarem os inúmeros conteúdos que rececionam na escola, e simultaneamente trabalharem o seu desenvolvimento pessoal e social.

Nesta mesma perspetiva, um projeto que me inspira é o *10x10 Micropedagogias*, da Fundação Calouste Gulbenkian. Este projeto durou de 2012/2013 a 2016/2017 e “fomentou a colaboração entre artistas e professores de diversas disciplinas do ensino secundário, com o objetivo de desenvolver estratégias de aprendizagem eficazes na captação de atenção, motivação e envolvimento dos alunos em sala de aula” (Gulbenkian, 2018). No site da Fundação Calouste Gulbenkian é possível saber mais pormenores e também aceder às publicações que resultaram das várias edições realizadas. Nestes registos é possível conhecer os programas das aulas públicas, os relatórios de avaliação, o livro *Ensaios sobre arte e Educação*, entre outros documentos. No livro, Catarina S. Martins termina o prefácio afirmando “certamente que os

*professores, os artistas e os jovens que experienciaram o 10 x 10 já não são aquilo que eram, e é esse gérmen contido no princípio de qualquer mudança que torna impossível voltar ao mesmo* (Martins, 2017, p.20).

Interessa destacar que o *10x10 Micropedagogias* está assente na metodologia de trabalho de projeto (já referido a propósito da escola Chapim Azul) que, segundo Elvira Leite (2006, citada por Guimarães & Many, 2006, p.4) *“longe de ser um remédio para todos os males que enferma o ensino, perspectiva-se como mais um impulso para desencadear um trabalho entusiasmante e convincente na escola; fazer do saber um objecto de desejo e não de repulsa”*. Neste âmbito, uma das leituras que me acompanhou ao longo do primeiro ano de mestrado e que também estrutura o meu posicionamento face à forma como podemos atuar na educação é *Transgressão e Mudança na Educação* de Fernando Hernández. *“Este livro, em suma, é um convite à transgressão das amarras que impeçam de pensar por si mesmo, construir uma nova relação educativa baseada na colaboração na sala de aula, na Escola e com a comunidade”* (Hernández, 1998, p. 13). O autor apresenta uma proposta transgressora para a educação, na qual o termo transgressão define uma intenção de mudança, apoiando-se em novas abordagens metodológicas assentes no trabalho de projeto.

### **Educação Artística/Criatividade**

De facto, a escola continua a matar a criatividade, conforme refere Sir Ken Robinson (2007), para quem é notório que a preocupação com a formação académica e o sucesso quantitativo anula nas escolas um ambiente propício a que se descubram talentos, o que resultará em pessoas frustradas e insatisfeitas. Os espaços de ensino, de educação e de formação carecem de um parceiro que com eles coabite e que lhes possibilite a experimentação e o desafio de fazer diferente, de arriscar. Atualmente é consensual que a arte pode estabelecer essa parceria e o conceito de educação artística faz parte do discurso educacional como podemos ver em documentos oficiais, tais como o *Roteiro para a Educação Artística da UNESCO*, o *Programa de Educação Estética e Artística do Ministério da Educação*, entre outros, embora estes documentos coloquem/adulterem a Educação artística numa perspetiva questionável, que não se enquadra no âmbito desta monografia. Porém, a arte continua muitas vezes a ser secundarizada no contexto escolar e a educação artística permanece sem responder aos desafios da sociedade atual que se caracteriza pelo rápido desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, mas simultaneamente a sua falta de controlo, própria da sociedade de consumo; e

pela valorização da aprendizagem constante ao longo da vida, que contrasta com a forma como se (des)aprende na maior parte das escolas. Sobre este assunto destaco o *Livro de atas do congresso de investigação em educação artística*, organizado pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viseu em 2017 e que reúne os registos das sessões plenárias efetuadas à volta do tema das conquistas e desafios da educação artística no sistema de ensino português. Este documento foi leitura de referência para a minha investigação, devido à sua atualidade e à notoriedade dos elementos que compõem a comissão científica do congresso.

Em junho deste ano, foi apresentado pelo Ministério da Educação e da Cultura o Plano Nacional das Artes (PNA) 2019-2024, a reflexão sobre este documento encontra-se no corpo principal deste trabalho.

Quanto a companhias e espetáculos, passo a mencionar referências com as quais há pontos de identificação com este projeto:

#### **Criação em estaleiro/Interação com o público/Formas animadas**

O Teatro *Delle Briciole*, em Parma, é o primeiro Centro Permanente em Itália de produção, programação e investigação teatral para crianças e jovens. Conta com mais de 30 anos de experiência e de criações artísticas para o público alvo infanto-juvenil e tem como diretrizes uma forte atenção direcionada para o público, para o espaço de encenação, para a relação com as outras línguas, para o dialeto, a poesia e a língua estrangeira e para a relação entre a matéria e a música. Por isto, o Teatro *Delle Briciole* é uma das referências maiores na minha posição face ao teatro para crianças e jovens, não só pela consolidada história da companhia, mas principalmente pela sua qualidade e pelo seu carácter inovador. Tendo iniciado as suas ações no teatro de formas animadas (sendo pioneiro no conceito de micro teatro), atualmente é uma referência na formação de públicos e no conceito de estaleiro, no sentido em que é capaz, não só de produzir e de receber o teatro para crianças e jovens, mas também de fazer interagir diferentes percursos e linguagens artísticas em projetos de grande envergadura, ou seja, estaleiro no sentido de ideias em movimento, capaz de ativar sinergias em formas ainda não experimentadas.

Desta companhia destaco dois espetáculos que são uma inspiração para a minha investigação. Em primeiro lugar, *Vassilissa*, com texto de Bruno Stori e encenação de Letizia Quintavalla, estreado em 1998 em Portugal, numa coprodução entre o Teatro *delle Briciole*, o Teatro *O Bandoe* e o Centro Cultural de Belém. Neste espetáculo, inspirado num antigo conto russo,

conta-se a história “*da passagem de mãe para filha, duma geração a`outra, do poder feminino da intuição, simbolizado pela boneca que Vassilissa guarda sempre no seu bolso*” (O Bando, 1998). Durante a apresentação Vassilissa é representada por uma menina que vem do público, sem que a audiência saiba *à priori* desse acontecimento. Este é o aspeto que interessa à minha investigação, na qual um dos focos é a visibilidade e a voz da criança. Através de mecanismos de atuação poderá ser possível veicular o direito à afirmação e opinião de uma forma lúdica e através da qual os intervenientes se sentem protegidos.

O outro espetáculo é o *Pop Up*, que resulta do desafio de criar um espetáculo infantil que o Teatro *delle Briciole* coloca a grupos de investigação nas artes. Neste caso os responsáveis pela autoria, direção e dramaturgia são *I Sacchi di Sabbia*, uma companhia sediada em Pisa, Itália, conhecida pelo seu olhar contemporâneo sobre a cena tradicional e linguagem equilibrada de diferentes manifestações artísticas. Tal como neste projeto, o espetáculo *Pop up* utiliza o livro como inspiração, um livro que se anima e do qual saem protagonistas de papel. A animação de formas e objetos é um dos territórios a experimentar nesta investigação.

#### **Pluralidade de discursos e dispositivos/Novas linguagens e tecnologias digitais**

O *Wooster Group*, sediado em Nova Iorque, oferece nos seus programas o *summer institute* e a *school residency*. O *summer institute* é gratuito para jovens a partir dos 12 anos a frequentar a escola pública, que podem voltar todos os anos até terminarem o secundário. O *workshop* é organizado em torno de um texto selecionado e sessões com artistas convidados. Todo o programa culmina em três *performances* públicas. A *school residency* é um trabalho com mais de 20 anos que o *Wooster Group* faz em parceria com uma escola, a MS 131/Dr. Sun Yat Sen Middle School, e que possibilita aos alunos a experimentação dos processos do grupo ao combinar a *live performance* com vídeo e outros *media*. Tenho interesse na relação que a companhia estabelece com a escola pública e que coincide com o que procuro nos meus projetos e interessa-me também a pluralidade dos discursos e dispositivos com que os intervenientes lidam pois é algo que também me cativa enquanto artista.

O projeto *Platform Shift+* é um projeto de cooperação de larga escala anunciado pela Comissão Europeia sob a tutela da *European Culture Funding Stream Creative Europe*. Aborda a realidade dos jovens nativos digitais que se movem entre os mundos real e virtual. “*O teatro para eles deve responder a esta nova realidade, a fim de manter e fazer crescer os públicos existentes e construir novos públicos para o futuro. Somente fazendo isso podemos retratar com precisão a*

*sua realidade e fazê-los acreditar no teatro como uma arte ao vivo de referência para os tempos modernos” (O Bando). Este projeto é organizado pela companhia Pilot Theatre do Reino Unido, no qual a companhia portuguesa Teatro O Bando é um dos parceiros, juntamente com outras 10 companhias reconhecidas pelo seu trabalho com crianças e jovens na Europa. Neste caso, importa a realidade das tecnologias para as novas gerações e que esta deve ser abordada no sentido de uma aproximação ao teatro.*

### **Serviço educativo/Ação Pedagógica/Teatro e Língua Portuguesa**

O serviço educativo do Teatro da Garagem, cujo objetivo principal é aproximar o teatro da comunidade, dinamiza clubes de teatro júnior, jovem e sénior, entre outras atividades. Desta companhia tenho como referência a peça *Filhas do Marajá*, integrada no ciclo *Teatros do Outro*, da Porto 2001 – Capital Europeia da Cultura. *As Filhas do Marajá* foi apresentada no palco do Teatro Rivoli e contava com a colaboração de crianças e jovens de bairros (ditos) desfavorecidos que faziam parte do espetáculo após uma ação pedagógica. Aqui o meu interesse incide na articulação entre promover uma ação pedagógica que se amplia para um espetáculo.

O centro educativo do Teatro Nacional S. João (TNSJ) reúne uma oferta de atividades variadas que em muitos casos se relacionam com os currículos escolares. Inclusive este ano letivo iniciou uma formação para professores inspirada no já referido *10x10 Micropedagogias*. Como já referi, este aspeto da articulação teatro e escola é da maior relevância para a minha investigação. No mês de maio deste ano frequentei a ação “Micropedagogias”, na qual se apresentam estratégias pedagógicas a partir de práticas artísticas que têm por finalidade promover a aprendizagem de qualquer conteúdo curricular, contribuir para o desenvolvimento do grupo e de relacionamentos interpessoais, e fomentar atitudes de motivação, atenção e concentração dos alunos em sala de aula.

A oficina “Eu deito a língua de fora”, uma das que compõem a oferta do centro educativo do TNSJ, na qual participei em outubro de 2018, acompanhada por uma criança de 9 anos. “Conduzidos por “palavras grávidas”, arregaçamos mangas e deitamos a língua de fora” (Teatro Nacional S. João, 2018). Associada ao espetáculo *Comer a Língua*, ao qual assisti posteriormente, esta oficina permite, de uma forma lúdica e através do jogo, operar sobre as palavras, as letras, as construções frásicas e as pontuações, tornando apelativa a língua portuguesa.

A peça *Comer a Língua*, estreada em 2013 e criada a convite do Serviço Educativo de Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura, em coprodução com o Teatro do Frio e o Serviço

Educativo do Teatro Municipal Maria Matos, a que assisti em dezembro de 2018. Com texto de Regina Guimarães, interpretação de Susana Madeira e encenação de Catarina Lacerda, o espetáculo mostra a língua portuguesa *“na sua complexidade, revelando a sua abertura a múltiplas influências culturais e a sua capacidade plástica de mutação. Uma língua pensante, cantante, língua viva”* (Teatro Nacional S. João, 2018).

### **Leitura/Identidade/Emancipação/Afirmação**

O projeto *Leituras Furiosas*, no qual também está envolvida a Regina Guimarães, é outra das alusões que tenho em consideração para a minha investigação. Promovida pela *Association Cardan* (Amiens, França) desde 1992, trata-se de uma manifestação de promoção da literacia que acontece simultaneamente em várias cidades europeias. Parte da ligação entre pessoas zangadas com a leitura e escritores. *“A Leitura Furiosa desdobra-se em momentos de conversa (imediatamente seguidos de períodos de escrita), tempos de discussão, oficinas de ilustração, passeios por livrarias e/ou bibliotecas e uma sessão de apresentação pública”* (Serralves, 2018). Este conceito de zangados com a leitura é algo que também será alvo de análise para a minha criação, uma vez que maior parte das crianças e jovens rejeitam os livros e a leitura de antemão, sem por vezes darem sequer o benefício da dúvida. Considero que não podemos afirmar que os mais novos não gostam de ler, pois na verdade maior parte das vezes eles não o chegam a fazer. Os motivos pelos quais isso acontece são vários e irei discorrer sobre eles na minha investigação, mas aqui interessa-me sobretudo ações, que tal como esta, podem viabilizar o encontro entre partes que normalmente não se querem juntar.

*Recentemente, numa sessão de mediação educação da Fundação de Serralves, conheci o projeto teatral Ensaios Ignorantes, idealizado por Juliana Jardim em 2010. Trata-se de um núcleo formado por artistas e professores que realizam ações de convívio entre pessoas, livros e espaços num terreno entre cena e aula, aliados a uma ideia de emancipação da pessoa, presente em Joseph Jacotot e Jacques Rancière. Neste projeto identifiquei-me com a ação coletiva de estar perto do objeto livro e do que pode suscitar a sua manipulação. Importa também referir que esta aproximação ao livro não implica o seu conhecimento por parte dos participantes do evento. Agrada-me a ideia de que o público vem ensaiar com os atores, ainda que não lhe seja exigido nada, pois remete para um território da experimentação que pretendo trilhar.*

Nesta ideia de emancipação tenho como referência o espetáculo *That Night Follows Day*, cujo conceito, texto e encenação são da responsabilidade de Tim Etchells. A companhia teatral

*Victoria (atualmente Campo), sediada em Gent, na Bélgica, convidou o diretor dos Forced Entertainment para criar um espetáculo feito por crianças e jovens e destinada ao público adulto. Baseando-se em conversas partilhadas com os mais novos, memórias da sua infância e experiência enquanto pai e professor, Etchells escreveu uma peça original provocante e bem-humorada que expõe a forma como os adultos (neste caso a audiência) projeta nos atores (neste caso as crianças) o seu sentido do mundo. “O texto de Etchells é uma obra-prima de observação e perfeita construção, movendo-se entre amor, diversão, raiva, frustração e alegria. O resultado é o registo da paternidade e da infância, rico pelo tributo atribuído aos vários actos de amor e às definições propostas todos os dias pelos pais” (Serralves, 2010). Além da questão da emancipação e da possibilidade de dar voz aos mais novos, neste espetáculo também me interessa a interação entre o público infantil e o público adulto pois é outro dos aspetos que quero contemplar na minha criação.*

#### ***Sentidos/Corpo/Livro/Objeto/Música/Desenho animado***

Outra referência é *Corpo-mapa-livro*, espetáculo de Joana Pupo e Marina Nabais, no qual se “parte do LIVRO, enquanto objeto específico e como indutor de experiências transformadoras do CORPO”. (...) “Abre-se uma dimensão do livro, enquanto mapa e lugar da viagem corporal, e uma dimensão do corpo, enquanto inscrição de um processo traduzível em livros” (Nabais, 2016). Esta criação é inspiradora pois faz-me refletir sobre a exposição da palavra na cena teatral (escrita, exposta, projetada...) e porque me remete para o facto de o teatro ser feito do corpo, muitas vezes associado a palavras que saem dos livros.

Não posso deixar de mencionar o *Som do Algodão*, projeto artístico e educativo da responsabilidade da Mariana Santos e Dulce Moreira, que se baseia na união entre a narração oral e a música. Os espetáculos desta dupla são sustentados por obras literárias e música e têm, como um dos principais objetivos, a sensibilização para a leitura. Trabalho que acompanho pessoalmente desde o início, inspira-me pela magia colocada em cada criação e no modo surpreendente de dar vida e som à palavra escrita. Uma vez que também trabalhei com livros e em dupla com um músico, há evidentes afinidades entre a minha proposta e o trabalho do *Som do Algodão*.

A peça *Onde está a avó?*, criada por Inês Vicente e Rui Damas, com desenhos de Pedro Teixeira e interpretada por Nuno Loureiro, é uma peça na qual o ator contracena com desenhos em tempo real. Neste projeto interessa-me esta articulação com a imagem audiovisual, mas

simultaneamente o apelo aos cinco sentidos, que se verifica na escolha da banda sonora ou no cheiro a bolinhos que se sentia na sala de espetáculos. “*Nestas idades vive-se com os sentidos e as emoções à flor da pele. (...) Assim, usar e estimular os cinco sentidos é um dado incontornável quando trabalho com estas idades*” (Vicente, 2006, citada por Guimarães & Many, 2006, p.183).

Na sequência da relação próxima com o ecrã vivenciada pelas crianças, mais concretamente no que se refere aos desenhos animados, menciono o cartoon *Have you got any castles?* da série *Merrie Melodies* da *Warner Bros.* dirigido por Frank Tashlin e produzido por Leon Schelesinger em 1938 e que pode ser visualizado na plataforma Youtube em CCCartoons (2011, janeiro 26). Neste *cartoon* os livros de uma biblioteca ganham vida após a meia-noite e interagem entre si. A ideia de personagens que ganham vida surgiu num dos *brainstormings* com o Paulo e chegou a ser explorada como possível abordagem para espetáculo. Além disso, este vídeo remete bastante para a música que é um dos elementos chave da criação delineada.

### **Leituras**

A par das experiências práticas que decorreram, houve sempre leituras e autores a acompanhar a investigação. Neste sentido, importa referir alguns que, não tendo sido citados, marcam a investigação, tais como: Richard Courtney sobre a introdução do teatro nos currículos escolares como força motivadora para criar significados da existência; Brian Way sobre a importância do drama no desenvolvimento da aprendizagem das crianças com sugestão de ideias e exercícios para estimular a imaginação e encorajar a criatividade; Viola Spolin sobre a improvisação e jogos teatrais; Isabel Alves Costa sobre as relações entre jogo, mais especificamente o faz de conta, e teatro; e Natércia Pacheco e José Caldas sobre projetos de teatro em escolas do Porto.

### **Referências (citadas no texto)**

#### Livros e artigos:

Gardner, H. (1993). *Frames of Mind: the Theory of Multiple Intelligences*. New York: Basic Books

Guimarães, S., & Many, E. (2006). *Como abordar... A metodologia de trabalho de projeto*. Areal Editores

Hernández, F. (1998). *Transgressão e mudança na educação: os projetos de trabalho*. São Paulo: Artmed Editora S. A.

Martins, C. S. (2017). «E agora, vai voltar tudo a ser como era?» – Por uma crítica às artes na educação. In Assis, M. Gomes, E. X. Pereira, J. S., & Pires, A. L. O. (eds.). *Ensaaios entre Arte e Educação*. (13–20) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Disponível em: [https://s3-eu-central1.amazonaws.com/content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/sites/16/2017/10/31124940/10x10\\_Ensaaios\\_entre\\_Arte\\_Educacao.pdf](https://s3-eu-central1.amazonaws.com/content.gulbenkian.pt/wp-content/uploads/sites/16/2017/10/31124940/10x10_Ensaaios_entre_Arte_Educacao.pdf)

#### Websites:

Fundação Calouste Gulbenkian [On-line] <https://gulbenkian.pt/descobrir/projetos-especiais/10x10/>

O Bando [On-line] <http://www.obando.pt/pt/platform-shift/>

O Bando (1998) [On-line] <http://www.obando.pt/pt/espectaculos/1998-2003/vassilissa-1998/>

Serralves (2018) [On-line] <https://www.serralves.pt/pt/actividades/leitura-furiosa-2018/>

Serralves (2010) [On-line]

[https://www.serralves.pt/documentos/documente\\_se/Microsoft%20Word%20-%202015\\_MAI\\_tim\\_etcheles\\_that\\_night.pdf](https://www.serralves.pt/documentos/documente_se/Microsoft%20Word%20-%202015_MAI_tim_etcheles_that_night.pdf)

Teatro Nacional S. João (2018) [On-line]

<http://www.tnsj.pt/home/espetaculo.php?intShowID=5390>

Teatro Nacional S. João (2018) [On-line]

[http://www.tnsj.pt/home/espetaculo\\_ciclo.php?intCycleID=108&intShowID=6116](http://www.tnsj.pt/home/espetaculo_ciclo.php?intCycleID=108&intShowID=6116)

#### Vídeos:

CCCartoons. (2011, janeiro 26). *Have you got any castles?* [Vídeo File]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=P-RxoBs6UAc>

Nabais, M. (2016, dezembro 27) *Corpo-mapa-livro* [Vídeo File]. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=jmvvckYnrIA>

Robinson, K. [TED] (2007, janeiro 6) *Ken Robinson diz que as escolas acabam com a criatividade* [Vídeo File]. Recuperado de

[https://www.youtube.com/watch?time\\_continue=5&v=iG9CE55wbTY](https://www.youtube.com/watch?time_continue=5&v=iG9CE55wbTY)

#### Outras leituras (não citadas)

- Arlander, Annete (2016, junho). Investigação em Arte e/como interdisciplinaridade In Almeida, Catarina & Alves, André (Ed./Org.), *Artistic Research Does* (vol. #1, pp 1–28). Porto: I2ADS.
- Caldas, José & Pacheco, Natércia (org.) (1999). *A nostalgia do inefável – teatro na escola*. Quinta Parede Associação Cultural.
- Costa, Isabel Alves (2003). *Desejo de Teatro*. Edições Afrontamento.
- Courtney, Richard (1968). *Jogo, Teatro e Pensamento: As bases intelectuais do teatro na educação*. São Paulo: Perspectiva.
- Spolin, Viola (1986, 2001). *Jogos teatrais na sala de aula*. São Paulo: Perspectiva.
- Way, Brian (1967). *Development through drama*. Nova Iorque: Humanities Press
- Wesseling, Janneke (2017). Da Esponja, Pedra e o Entrelaçamento com o Aqui e o Agora. Uma Metodologia da Investigação em Arte. In Almeida, Catarina & Alves, André (Ed./Org.), *Artistic Research Does* (vol. #2, pp 13–25). Porto: I2ADS. Sobre a investigação em Arte

## ANEXO 2 – texto/guião para espetáculo (versão 1 – incompleta)

LIVRO, AÇÃO!

*Almo entra na sala segurando um selfie stick com um telemóvel. Passa pelo público.*

ALMO – Olá pessoal. Tá-se bem? Sejam bem-vindos a mais um vídeo do meu canal. Lembrem-se de vos ter falado daquele lugar assustador ao lado de minha casa com objetos super estranhos que me metem um medo do caraças? Pois é, ganhei coragem e partilho com vocês o meu desafio de entrar nesse lugar sozinha... Bora lá! Vou fazer um vídeo super fixe, alta onda, por isso... deixem os vossos likes e comentááááá...

*Almo tropeça num Livro e cai. Entra Edre.*

EDRE – Estás bem?

ALMO – *(assustada)* Sim. *(segura no Livro)* Mas o que é isto? *(olha para Edre)* Quem és tu? Onde estou? *(olha e passa pelo o público com o Livro na mão)* O que é isto? Alguém me ajuda? O que é isto? Onde estou?

EDRE – Isso é um livro e tu estás numa biblioteca.

ALMO – Uma biblioteca? Um livro? Mas o que é que estás para aí a dizer, estás a falar chinês, ou quê? E quem és tu? Como é que vim aqui parar?

EDRE – Como vieste aqui parar eu não sei... Eu sou o Edre, tomo conta disto. *(segura no Livro)* Repito: isto é um livro, e este lugar é uma biblioteca, que é a casa deles. E não, não falo chinês, falo português!

ALMO – Tomas conta? *(ri)* Não me parecem conseguir fugir para lado nenhum, esses tais livros. Na verdade, parecem-me muito sem vida. *(mexe e toca no livro)*

EDRE – *(bastante indignado)* Sem vida? Olha, minha menina, não sei qual a tua intenção, nem o que estás aqui a fazer, mas seja como for, exijo respeito. Se não vieste aqui para ler ou

para levar algum livro, então podes sair e levar contigo esta coisa. *(entrega-lhe o telemóvel com o selfie stick)*

ALMO – Desculpe. Não era a minha intenção ser mal-educada. Na verdade, eu vim aqui fazer um vídeo para o meu canal de Youtube.

EDRE – Canal de quê dos tubos? Isso é para a televisão?

ALMO – Não. É o meu canal, para os meus subscritores... E olhe que são muitos! Eu faço vídeos de várias coisas, do meu dia-a-dia, de coisas que gosto, de piadas, de desafios... Eu vinha aqui precisamente fazer um desses vídeos. *(mexe no telemóvel)* Mas parece que com a queda o meu telefone foi à vida. Deixe estar... Desculpe. Vou embora. *(começa a sair)*

EDRE – Espera! Tu nunca tinhas visto um Livro?

ALMO – Não.

EDRE – Sei que cada vez há menos livros, mas pensei que pelo menos ainda existisse um em cada casa... Mas parece que não tarda a minha biblioteca será mesmo o único sítio no Mundo a ter livros. Até quando eu aguentar...

ALMO – Sempre me assustou este lugar e sempre tive medo de cá entrar. Vejo-o a abrir a porta todas as manhãs, sempre carregado com estes tais Livros. Praticamente não entra aqui ninguém todo o dia e quando entra... demora a sair... E sai quase sempre com um Livro e com um ar estranho.

EDRE – Estranho? Acho que deve ser apenas o ar de quem lê

## ANEXO 3 – texto/guião para espetáculo (versão 2)

### Livro, atreve-te... ação

#### Cenário

Sala de estar

- lado esquerdo - poltrona, candeeiro de pé, mesa de pé pequena (com livro e copo de água...), piano, cesta com jornais, manta
- lado direito - banco alto, mesa (posição típica dos jovens, dobrada), computador, auscultadores, telemovel, saco de gomas, cereais, bolachas ou batatas fritas, candeeiro “jovem” se necessário luz para diferenciar lados \*\*\* (ou mais escuro, alumiado só pelo ecrã de computador)
- a meio
  - mais à esquerda, estante com livros, telefone fixo, máquina de escrever, gira-discos, discos, leitor de cassetes, vela e fósforos (ou lanterna ou candeeiro de gás), etc
  - mais à direita, talvez cabide com casaco desportivo atirado à sorte, cachecol ou boné...

\*\*\* A luz é diferente nos dois lados devido aos candeeiros

#### Personagens/características

Pai - leitor, músico, sereno - sentado ao piano e a escrever uma letra para a música

Filha - “tecnológica”, teenager, muleta de discurso: “Ei” - youtuber

Pai, viste o meu carregador de telemóvel

(sem olhar para a filha, concentrado no que compõe e escreve)

Não, se o pusses sempre no mesmo sítio, sabias onde é que estava

Oh, lá estás tu... estou a ficar sem bateria e tenho que mandar um SMS à Rita a dizer que já tenho 500 gostos no vídeo que postei hoje

(mantém postura)

Ela quando vir o vídeo deve perceber, não?! Não vos entendo... sempre agarrados à porcaria do telemóvel, nem que seja para dizer “nada”

Hellooooo, actualiza-te ‘tá? O pessoal da minha idade agora é assim...

Se mandasses uma mensagem a dizer que já acabaste o livro que te dei nos teus anos é que eu ficava admirado...

Ó pai, desculpa lá, mas o livro era uma seca. Se quiser ler leio na net...

Pois a questão é essa, lê o quê?! Vês é fotos e se leres é notícias do cantor x, e da actriz y, cusquices e afins... eu só te ouço falar é de instas, e de faces, WhatsApps e companhia... há quanto tempo é que tu não pegas num livro, hum?! Diz-me lá?!

Não pego porque me dão sono, ao fim de duas páginas, já estou farta.

Isso é porque desistes à primeira. Até entendo que haja livros que não te interessem, mas há tantos tipos de livros... nem te atreves a procurar! Olha, a tua prima, por exemplo, começou meia contrariada a ler biografias e agora não quer outra coisa...

Ó pai, mas eu tenho tudo isso na net...

Podes ter muita coisa, porque a net é realmente espectacular, no bom e no mau. Quem te garante que o que lêes é verdade? Ainda por cima agora só se fala de, como é que eles dizem...

Fake news!

Isso...

Ei, já tenho 600 gostooooooooos!!

Pois, isso é que é importante. A bateria do computador ainda aguenta?

Não, só ligado à corrente. Não me queres dar um no Natal?...

Um quê, um livro?! :)

### **Luz vai abaixo**

Porque é que a luz foi abaixo?

Aí não diz no teu telemóvel?!

Oh, não brincas, é que estou mesmo quase sem bateria no tlm e no computador

Usa tablet

Qual tablet?!

A tablet de chocolate :)

Tens uma cá uma piada... pronto, fui tudo abaixo... e agora o que faço?

Liga para a empresa de electricidade e pergunta se demora

Tens o número?

Não?! Então como é que queres que ligue?

Tens aí o telefone fixo

(insiste)

Mas se não tens o número o que é que adianta, fogo logo agora é que tinha que ir falhar a luz...

Vê aí nesse livro

(relutante)

Que livro?

Nesse que está na última prateleira

Este mastodonte?! Escreveste aqui o número?!

**Abre**, e vê o que tem lá dentro

Ei, o que é isto?!

São números de telefone, o que procuras ainda deve ser o mesmo

Eu sei lá como é que se procura isto...

Se puxares um bocadinho pela cabeça... olha, estás a ver, é umas dos desafios que os livros nos conseguem fazer

Isto está quê, por ordem alfabética?!

Ah afinal, quando queres...

Ó pai, não comeces... e, meu Deus, tanto número... fogo, não fazia ideia que havia livros de números telefones.

Essa lista telefónica, que é assim que se chama, já tens uns anitos... provavelmente os números já estão desactualizados

**Cai livro, filha distrai-se com esse e fecha a lista sem querer.**

Este é giro, este não foi a Mãe que me deu quando eu era pequenina?!

Acho que sim, (pouco preocupado) já viste o número?!

Ó pai, deixa lá, quando a luz vier, veio

Eu devia ser mesmo pequenina porque só tem duas ou três palavras. É mesmo engraçado porque tem...

(curioso)

É de quê, desculpa?!

Animais. Tem... tipo, tipo a pele dos animais para se tocar, sabes?

(concentrado na música)

É um livro de texturas... olha lá, diz-me aí uma palavra que rime com pêssego?!

Pêssego?!..... não me ocorre nenhuma... não existe nenhum livro de rimas?!

Por acaso acho que anda para aí um, ora vê na segunda prateleira

Não encontro... acho que não, pai

Se calhar emprestei-o a alguém, como o costume... mas apontei algures (levanta-se). Acho que pus a lista dos livros e discos emprestados no livro de culinária...

De culinária?! Porquê esse?

Acho que foi por dedução, teres uma receita para um problema :) ,entendes?!

Não sei, é este?! (caem papéis diversos do livro, incluindo de rebuçado) Ei, tantos papéis, para que é isto?!

A tua mãe guardava os papéis dos rebuçados e dos chocalatinhos mais bonitos para marcar as páginas dos pratos que mais gostavas...

A sério (enternecida folheia livro)?! Olha, esta receita é daquele bolo de suspiros (e suspira!) de que eu tanto gostava... que saudades! A mãe lia muito?!

Lia, passava as tardes a ler. Ainda te deves lembrar que muitas vezes ao jantar ela contava o que lia. Este, por exemplo, ela leu duas ou três vezes.

Este, porquê, sabes?!

Sei, eu também o li. É a história de um menino que vivia na cidade com os pais e que um dia vai de férias com os avós para a aldeia onde eles nasceram... e na casa de um deles, acho que era a do avô, eles contam-lhe histórias antigas, mostram-lhe objectos que o menino não conhecia como o penico de esmalte, o berço de madeira, a gambiarra, o gasómetro, a jangada, etc... é muito giro, porque era tudo novo para ele...

Novo?! :) velho!

Sim (sorri), é quase como tu a **folheares** estes livros :) ainda não paraste de te surpreender, já reparaste...

Folhear?! Então não é desfolhar?!

Não, a Desfolhada cantou a Simone... por acaso tenho aqui uma cassete com essa musica, deixa cá ver...

Uma cassete?!

Sim, uma cassete... ah, e é folhear, desfolhar é tirar as folhas. Podes não gostar de livros, mas não precisas de arrancar-lhes as folhas :) . Ora ouve... (carrega no play)

Não faz o meu género, mas até canta bem... não havia outra cantora chamada Simone?!

A Nina Simone? Pega aí nesse livro de música, tens lá muita coisa, deve vir lá de certeza...

(Pega no livro)

Ah, este eu conheço, o Tchaikovsky, de quando andava no ballet... Quebra-nozes, não é?!... Não tens cassetes dele?! (gozo)

Não, mas tenho vinil... vou pôr (fica como música de fundo).

O que eu sei é que de repente estamos aqui há meia hora a falar de livros, de música, de nós...

Está a ser fixe pai, já não conversávamos assim há algum tempo...

Pois... é o que te digo filha, quando lemos, parece que viajamos e entramos no livro... e conseguimos visualizar as imagens que o autor descreve, imaginamos as musicas, as danças, até os cheiros...

(saudosa)

Eu gostava quando tu e a mãe me liam histórias antes de ir dormir... e, e lembras-te daquele livro que se abria e saíam de lá umas figuras também em papel e eu ficava fascinada a tentar perceber como é que cabiam todas lá dentro?...

É... e na verdade quando nos envolvemos na história parece que as personagens saltam para fora do livro e ganham vida... e não falo daquele que tinhas, e que deve andar por aí, e que tinha dois buraquinhos para meter os dedos numa espécie de luva e fazíamos vozes diferentes...

(retira livro de gaveta ou caixa)  
Este?!

(surpreendido)  
Esse mesmo, tinha-lo guardado?!

Sim, e tu dizias “vamos brincar ao faz-de-conta”... e cantávamos aquela música (arrisca texto mas não recorda melodia)

### **Regressa luz**

Olha, fez-se luz :) veio mesmo a tempo! Esta não era?! (canta e toca um bocadinho)

Essa mesmo... **Cantam**... pai, e lembras-te daquela lengalenga (a definir) que me cantavas quando eu comecei a aprender a ler?!

Lembro, pois. Essa também está ali no livro das lengalengas... (canta)

(Filha dança e faz malandrice ao pai e este diz carinhosamente):  
Sua bruxinha e canta “A chover e a trovejar e as bruxas a dançar, a chover e a fazer Sol e as bruxas a comer pão mole” (duas vezes)

(Troca de papéis)  
Por falar nisso, ó pai, sabes se amanhã vai chover?!

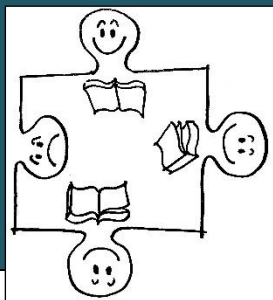
(a rir-se)  
Não sei, filha, vê aí na net :)

**Apaga luz**  
FIM

### **Reacende luz**

Trazemos na mão o “tal” livro pop-up e perguntamos:  
E então, conhecem alguma palavra que rime com pêssego :)  
Abrimos um livro e lemos um poema de (a definir) curto, mas **importante como mensagem final**

## ANEXO 4 – Proposta



# LIVRO... AÇÃO !!

Proposta

### SINOPSE

*O livro pode ser banco, barco, borboleta ou até brinquedo.*

*Pode ser gargalhada, gota d'água, doce ou salgada! Pode ser escrito, falado ou desenhado. O livro tem sons, toques e até cheiros. Nele vivem personagens, há viagens, há paisagens... e enigmas e mistérios, humor e assuntos sérios.*

*O livro é ação, imaginação e muita criação.*

*Vem 'abrir o livro' e ver o que nele encontras. Será que me encontras? Será que te encontras?*

*Atreve-te!*

Esta oficina utiliza o livro como ponto de partida para um conjunto de experiências artísticas como o teatro e a música. Vamos desenhar, contar e cantar histórias. Estimular a leitura, a oralidade, a escrita. Proporcionar o contacto com referências artísticas e culturais, oferecendo espaço de debate e pesquisa, pensamento crítico e conhecimento. Explorar a identidade de cada um, apelando à interpretação e à criatividade.

Procurar que a leitura seja um hábito, não uma obrigação.

**“My kids will have computers, of course. But they will have books first”.** Bill Gates

### FORMADORES

#### Susana Brandão

Encenadora/Atriz/Professora com vasta experiência em teatro e na docência.

Licenciada em Arquitetura pela FAUP, Mestre em Ensino das Artes Visuais e a frequentar o Mestrado em Teatro pela ESMAE, reúne ainda formação certificada na área da motricidade humana e da educação infantil.

Criou e gere o projeto (EN)cena (formação, produção e divulgação das artes performativas), exibido semanalmente no Porto Canal. Dirige grupos de teatro juvenil (com diversas participações no Festival Panos-Culturgest).

Leciona teatro em escolas, tais como a Chapim Azul. Trabalhou com vários nomes das artes cénicas como Victor Hugo Pontes, Ana Luena, Bruno Schiappa, André Braga e Hugo Cruz.

Professora profissionalizada de Artes Visuais, deu aulas em escolas como o Instituto das Artes e da Imagem e a Escola Artística Soares dos Reis. Transporta para as suas criações e projetos toda a abrangência da sua formação e experiência.

É apaixonada pelas artes e acredita que estas são essenciais para a educação (e não só).

#### Paulo Coelho de Castro

Músico/Compositor/Formador com vários trabalhos editados em diferentes áreas desde o pop, jazz, world music e percussão.

Autor dos projetos “Fauna & Flora” (concerto para estar em família), do workshop/formação “Do Lixo Se Faz Música” e consequente “Duo-Lixo” (espetáculo), e da “Orquestra Lixada”.

Colaborador dos Be-Dom (percussão/humor), Cabeças no Ar e Pés na Terra (teatro), entre outros.

Lecionou em inúmeras escolas do 1º ciclo, Jardins de Infância e de música, com destaque para a Escola de Jazz do Porto.

No Serviço Educativo de Casa da Música é membro do Factor E!, formador do Som da Rua – projeto de inclusão social, tem orientado vários workshops e participado em diversos espetáculos com destaque para o projeto artístico e formativo “Verne - 20 Mil Músicas Submarinas”, “Vibra-Tó, Vibra tu” e “Lixólândia” onde foi diretor musical. Diz que já tem “Criatividade para ter Juízo”...

VALOR - \_\_\_\_\_ €  
[geral@encenateatro.pt](mailto:geral@encenateatro.pt)  
91 465 95 24

## ANEXO 5 – Planificação Oficina *Livro. Ação!*

OFICINA LIVRO, \_ \_ \_ - AÇÃO!

SESSÃO Nº1

MERCADO BOM SUCESSO – 28/abril/2019

Número máximo de crianças – 15 (com acompanhante adulto)

Falta:

Momento da música cantada por todos no sítio certo

Momento do poema, localizar no baralho das histórias ou outro

Momento de completar os tracinhos?

PLANO	CONTEÚDO	DESCRIÇÃO	RECURSOS	DURAÇÃO	
Introdução	Música Livro, _ _ _ - Ação! (apresentação da Oficina).	Música tocada por Paulo Coelho de Castro e interpretada por Susana Brandão. Boas vindas e breve descrição da atividade.  fazer discurso 15 cadeiras (1 por dupla para pertences e livros)	Formadores Participantes 15 cadeiras 15 almofadas (Su) Piano (Paulo) Tábua de engomar (Paulo) Estante (Su) Banco alto (Paulo) Livros (cerca de 20) (Su e Paulo) Cartões com frases a simular livros abertos (Su)	5 minutos	30 minutos
Quebra-gelo e energizador/concentração	Nome, movimento, som (coordenação palavra/corpo/som).	De pé, em círculo/U cada um se apresenta – nome – seguido de movimento associado a som. O grupo repete. Posteriormente repete só o nome, só o movimento. (Su) Bater palma em unísono como um livro a fechar. (Paulo)	Formadores Participantes	5 minutos	
Dinâmica 1 – Preparação da narrativa e divisão de grupos	Mala dos livros vazia	Apresenta-se a mala dos livros, o livro em branco que vamos encher de histórias. fazer discurso	Formadores Mala (Paulo) Piano	2,5 minutos	
	Frase aleatória (oralidade, leitura em voz alta).	Os participantes andam pelo espaço em duplas cada um com um dos livros que trouxeram na mão. Ao ouvir a palavra LIVRO, todos param e começam a ler em voz alta. A Susana passa por uma criança, atribui um colar com uma letra da palavra LIVRO e, simultaneamente, diz AÇÃO. Todos fazem silêncio e esse elemento e acompanhante lêem em voz alta uma frase. O Paulo aponta o que é lido. Quando terminam colocam os seus livros na mala. Repete-se até todas as duplas terem dito algo. Voltamos	Formadores Participantes Livros dos participantes Colares (3 x LIVRO + 1 extra) (Su) Quadro branco – como prender? (Paulo) Marcador (Su)	15 minutos	

		ao círculo/U organizados pelas letras.			
	Mala dos livros cheia	A mala dos livros agora está cheia de histórias. Vamos baralhar as histórias. fazer discurso	Formadores Participantes Mala Livros dos participantes Nossos livros	2,5 minutos	
Dinâmica 2 – Conhecimento dos livros, preparação das personagens, objetos e emoções	Baralhar livros (coordenação corpo/objeto) Escolha do livro (interesses pessoais)	Baralhar as histórias, Su de um lado da mala e Paulo do outro ou ao piano fazem circular por todo o grupo os livros. (utilizar a lenga-lenga “Há livros no Mercado” ou outra... música ou poema por exp) Terminada a ronda chamam-se os participantes por letra LIVRO (com motivos alfabéticos, por exemplo: última do alfabeto, vogal magrinha...) para virem selecionar um livro que não pode ser o seu, nem de quem veio consigo. Cada grupo tem um minuto para a escolha. Usar a frase devagar se vai ao livro.	Formadores Participantes Mala Piano Livros dos participantes Nossos livros	10 minutos	25 minutos
	Escolha da personagem e objeto (interpretação do livro, interesses pessoais)	Cada grupo criança/adulto escolhe dos livros selecionados uma personagem e um objeto (escrevem num papel).	Formadores Participantes Livros selecionados Pequenos papéis personagem + objeto (15) (Su) Canetas (15) (Su)	5 minutos	
	Sorteio das emoções (acaso)	Sorteio das emoções. Falar do emocionário. Por letra LIVRO sorteiam-se as três emoções de cada grupo com o loto. Convida-se alguém do grupo a encontrar no livro e ler a emoção que saiu. Regista-se a emoção num pequeno papel.	Formadores Participantes Livro Emocionário (Su) Bolinhas de loto numeradas (Su) Pequenos papéis emoção (15) (Su) Canetas (15)	10 minutos	
Dinâmica 3 – Escrita, ilustração criativa e dramatização	Personagem – objeto – emoção (acaso e interesses pessoais) Escrita criativa (trabalho de equipa, escrita, imaginação)	Cada criança e acompanhante constrói frase com o material que tem, devem usar a personagem e objeto que escreveram e uma das emoções que saiu no grupo da sua letra LIVRO. A frase deverá ser escrita primeiro na folha de rascunho e posteriormente na folha final. Pode ser qualquer estilo literário: prosa, poesia...).	Formadores Participantes Pequenos papéis personagem + objeto (15) Pequenos papéis emoção (15) Lápis (15) (Su) Marcador (15) (Su + 3 Paulo) Folhas rascunho (15) (Su) Folhas finais escrita (15) (Su)	10 minutos	30 minutos

	Ilustração criativa (trabalho de equipa, desenho, imaginação)	Com o material que tem no grupo, cada criança e acompanhante ilustra a sua frase na folha para ilustração.	Formadores Participantes Frase (15) Material de pintura (1 conjunto por grupo = 5) (Su) Folhas finais desenho (15) (Su)	10 minutos	
	Preparação da apresentação (expressão dramática, trabalho de equipa)	O grupo prepara a apresentação oral da história. Nesta apresentação deve haver uma parte dramatizada e outra relatada, no formato que o grupo decidir (diálogo, narração ou outro). Como acessórios só podem ser usados os livros, que podem ser cenário, objeto, figurino... Os grupos contam com a ajuda da Susana na parte teatral e com o Paulo para incluir musicalidade.	Formadores Participantes Livros (todos) Frase (15) Desenho (15)	10 minutos	
Dinâmica 4 – Apresentação das histórias, cantar e visualização livro	Apresentação (trabalho de equipa, narração, dramatização, exposição pública)	Apresentação da história. Por ordem de letra cada grupo faz a sua apresentação. A história escrita e ilustrada vai sendo mostrada/afixada pela Susana. Após cada uma, ela recolhe história e vai montando o livro.	Formadores Participantes História escrita/ilustrada (15 frases + 15 desenhos) Fixação parede Livros (todos) Piano Molas papel (2 ou 3) Separadores e capa	15 minutos	35 minutos
	Visualização livro Reflexão	Ver o livro e reflexão sobre a Oficina.	Formadores Participantes Livro final	10 minutos	
	Música	Música que todos cantam e/ou ritmo com livros.	Formadores Participantes Piano Livros?	10 minutos	
Fecho	Música Livro, _ _ _ - Ação!	Repetição da música inicial ?	Formadores Participantes Material para música inicial	5 minutos	

## **ANEXO 6 – Canções Oficina *Livro. Ação!***

### **Canção LIVRO, \_ \_ \_ - AÇÃO! (versão 1 não usada - incompleta)**

Tira o pó da prateleira, sacode, abana, sente a poeira.

São livros o que vês! Porque não os lês?

Livra, Livre, Livro... Ação!

Ler pode ser hábito, não obrigação.

Porque o livro é a brincadeira, que dura uma vida inteira.

O livro pode ser banco, barco ou até brinquedo.

Pode fazer rir, chorar e até ter medo.

Já dormiste no seu embalo,

Tiveste coragem no dorso do seu cavalo.

### **Música “Há livros no Mercado” – para baralhar (versão 1 não usada – incompleta)**

Há livros no Mercado, Livros por todo o lado

Meus, teus, de todos nós

Um livro, outro livro, cada um com a sua voz

Um livro, outro livro, cada um com a sua voz

### **Música “1 livro, 2 livros” – para baralhar (versão 1 – completa)**

Um livro

Dois livros

Muitos livros para ler

Um livro

Dois livros

É tão fácil aprender

Um livro

Dois livros

Muitos livros para ler

Um livro

Dois livros

Porque ler é um prazer

Canção LIVRO, \_ \_ \_ - AÇÃO! (versão 2 – completa e com cifra)

## Livro, ação!

<p>Dm Am/C Dm Am/C Uns ao alto, outros deitados Dm Am/C Dm C/A Separados ou encostados Dm Am/C Dm Am/C São livros o que tu vês Dm/Bb Porque não os lês?! A <u>Porque não os lês?!</u></p> <p>Dm Am/C Dm Am/C Tira um da prateleira Dm Am/C Dm C/A Que te possa interessar Dm Am/C Dm Am/C Se estiver cheio de pó Dm/Bb Sopra-o devagar. A <u>Sopra-o devagar</u></p> <p>Dm/Bb Folheia-o com muito cuidado F/A Prepara-te para a viagem G\B Outros mundos te esperam C Atreve-te, <u>coragem...</u></p> <p>Dm F Arrumo este livro G A Porque já o li Dm F Pego noutro livro livre G A Pode ser já este aqui...</p> <p>Dm F Não me livro de um livro G A Apenas porque o li Dm F É bom tê-lo por perto G A Gosto de o ver por aqui... Bb <u>Porque posso querer lê-lo outra vez</u> G/B É tão bom ler, como vês!</p>	<p>Dm Am/C Dm Am/C Ele é como um Espelho Dm Am/C Dm C/A Que reflete quem és ou podes ser Dm Am/C Dm Am/C Abre-te muitas__ Janelas e Portas Dm/Bb A E é um Trampolim para o conhecer</p> <p>Dm Am/C Dm Am/C Ele é Degrau a degrau Dm Am/C Dm C/A Uma escada divertida Dm Am/C Dm Am/C É Cobertor quando tu te vais deitar Dm/Bb A Tapete voador para à vida</p> <p>Dm/Bb Pode-nos fazer rir ou chorar F/A E até nos meter medo G/B Entre fantasia e realidade C Ele é o melhor brinquedo...</p> <p>Dm F Arrumo este livro G A Porque já o li Dm F Pego noutro livro livre G A Pode ser já este aqui...</p> <p>Dm F Não me livro de um livro G A Apenas porque o li Dm F É bom tê-lo por perto G A Gosto de o ver por aqui... Bb9 Porque posso querer lê-lo outra vez G/B ritt. <u>É tão bom ler, como vês!</u></p> <p>F F/C (dedilhado) Livro, ação!..... Diversão F <u>Livro. ação!</u></p>
--	---

## **ANEXO 7 – Textos, frases e provérbio Oficina *Livro. Ação!* (inventados e de autor)**

### **Frase a tapar teclado (Paulo)**

Livro, quando te fecho, abro a vida

*Pablo Neruda*

### **Frases para escrever nos livros - em vez de as dizermos e não parecer natural (pelo menos nesta fase)**

**Entre ( ) letra mais pequenina:**

Ler ou não ler, nem há questão

Leio logo, existo

Não deixes para logo o que podes ler agora

Quem vê livros, não vê... televisões (telemóveis e afins!)

Livro mole em cabeça dura - tanto bate até que cura (o desconhecimento)

Mais um vale um livro na mão (aberto) - do que dois fechados (na prateleira)

Para dizer quando vão levar ou buscar livro:

Devagar se vai ao Livro

pequeno poema da Luísa Ducla Soares:

*Livro*

*um amigo*

*para falar comigo*

*um navio*

*para viajar*

*um jardim*

*para brincar*

*uma escola*

*para levar*

*debaixo do braço.*

*Livro*

*um abraço*

*para além do tempo*

*e do espaço.*

ANEXO 8 – RESULTADO DA 1ª EDIÇÃO DA OFICINA LIVRO. AÇÃO! NO MERCADO BS

O COELHO ESTAVA  
A LER UM LIVRO  
QUANDO SENTIU  
A HOSTILIDADE DA  
TREVOADA, PROCURANDO  
UM ABRIGO.



AGALINHA ESTAVA COM IRA  
E ESCONDEU-SE NO MEIO DAS FOLHAS.



A JOANINHA QUERIA FAZER  
CUPCAKES, MAS FRUSTROU-SE  
PORQUE A LOZINHA ESTAVA  
SEM LUZ E A PANELA, VELHA.



O Príncipezinho comprou

uns sapatos prateados que estavam apertados, então descalçou-se e sentiu-se aliviado



O Lobo estava a usar o computador para pesquisar o que era ódio



ERA UMA VEZ DUAS PRINCESAS QUE ESTAVAM MUITO ABORRECIDAS.



A SHIMMER PEGOU NO  
MARTELO DO FUIZ, E  
ORDENOU QUE A POPPY  
TOMASSE UM BANHO DE  
BANHEIRA E ACABOU A  
MELANCOLIA.



O crocodilo não tem  
culpa de roubar o pincel!



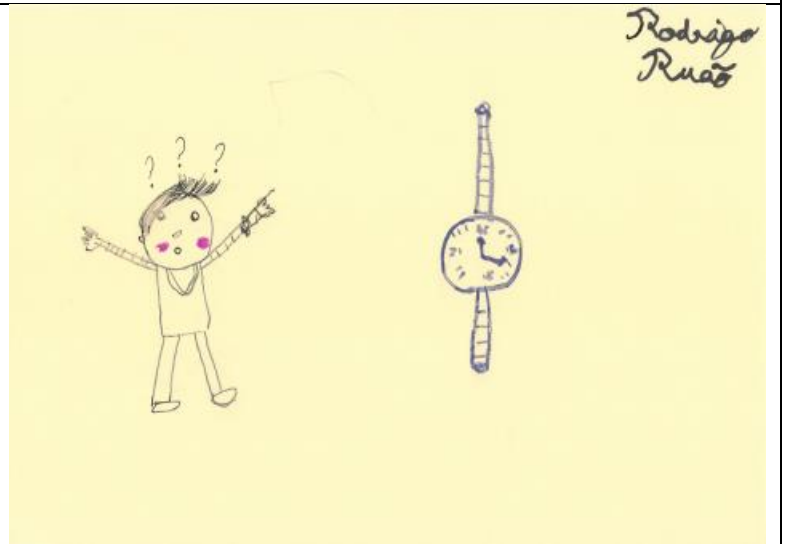
A Briceba Poppy amarra de guarda-  
chuva no meio da solidão.



Era uma vez uma colhinha  
chamada Tina.  
Ela era muito tímida e tinha  
a cabeça na lua.



O seu melhor amigo era  
o Ruben. Um rapaz que adorava  
relógios mas fazia uma grande  
confusão com as horas.



**LIVRO. --- AÇÃO!**  
oficina formativa para famílias  
com Susana Brandão e Paulo Coelho de Castro  
14 julho | 2019 | 15:30h

Livraria **Salta Folhinhas**  
R. António Patrício, 50, 4100-102 Porto  
2h duração | crianças 6-12 + adulto(s)

**ESMAE** ESCOLA SUPERIOR DE MÁSCA E ARTES DO ESPETÁCULO

**P. PORTO**

**ENATEATRO**  
reservas  
info@saltafolhinhas.pt  
geral@encenateatro.pt  
917148283

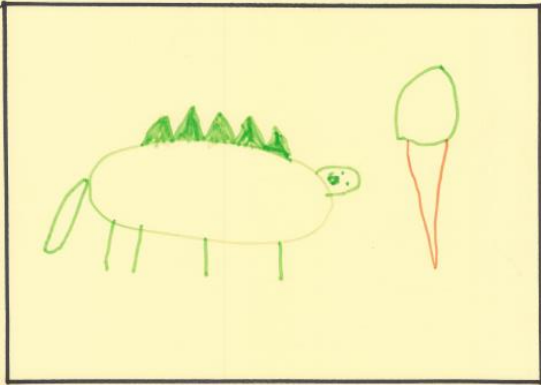
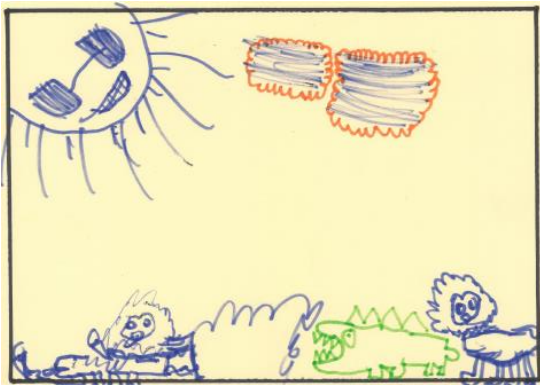
ANEXO 10 – RESULTADO DA 2ª EDIÇÃO DA OFICINA LIVRO. AÇÃO! NA LIVRARIA SALTA FOLHINHAS

A senhora Em tempo Algum  
tinha 2 filhos o Billy e a menina  
da secretária, e uma vaca.  
O Billy tinha uma coleção  
de chapéus e a menina  
da secretária desejava  
ter uma camiseta dourada.

A vaca fazia muito  
coco, quando fazia era  
um alívio.  
Um dia a vaca fez  
coco num dos chapéus e  
o Billy ficou com besteira.  
A menina da  
secretária na escola  
era muito desamparada  
e não tinha  
amigos.



**O PRAZER DE UM GELADO**  
 ESTAVA UM DIA DE MUITO CALOR,  
 E O LEÃO E O CROCODILO PROCURAVAM  
 SOMBRA JUNTO DE UM ARBUSTO.  
 PARA SE REFRESCAREM LAMBIAM  
 UM GELADO COM PRAZER.



Era uma vez um leão chamado Norman cujo velho mais velho do mundo  
 do seu pai do Tiago que era o avô do avô do velho de Norman. O Tiago após  
 Ximou-se de um frasco com uma vela com fogo e surgiu a morte com um  
 cabeça enorme do tamanho de um leão. O Tiago sentiu um medo que  
 nunca tinha sentido antes era de uma tamanho incompreensível mesmo.  
 Não foi só ~~medo~~ que o Tiago sentiu foi também medo. Norman, o leão,  
 foi para a cama e refez-se que tinha sido tudo um pesadelo, abriu os olhos  
 viu um monstro a atacar monstros e vasos para o chão. Ele assustou-se mais do que  
 o monstro tinha medos, era só um menino. Ele sentiu ~~uma~~ felicidade. 😊



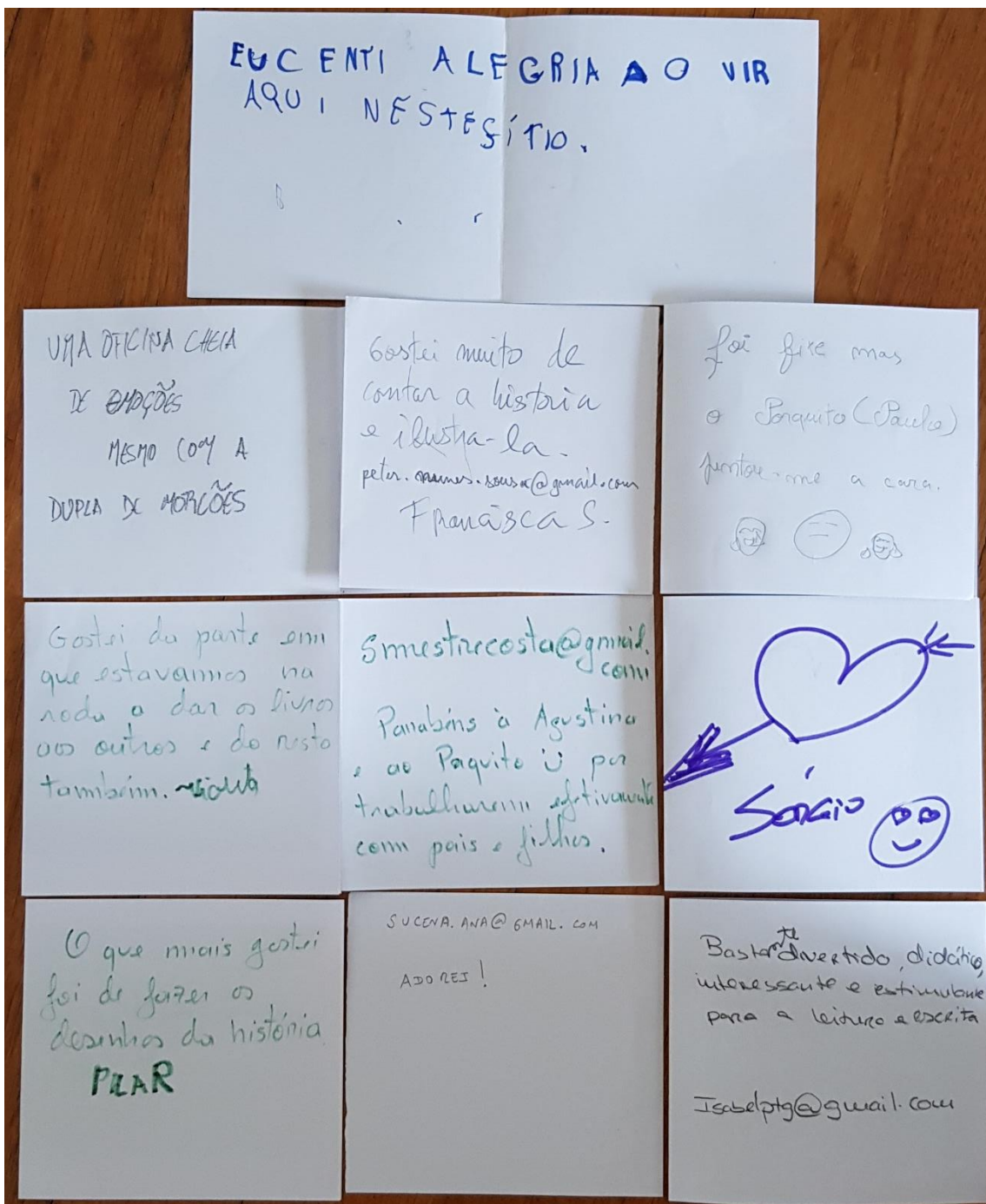
A Avó Do, Billy ToCAR2 vio liho Com  
um chapeu NA CABEÇA. O BILLY TEM UM  
LEÃO De Estimação que Brinca com  
ELE COM AMOR, ATENÇÃO E ALEGRIA



O PAI TEM MEDO  
DE PERDER OS OLHOS,  
POIS FOI ANDAR DE  
BARCO ~~NO~~ MAR.  
O GANHO VIU O MAX  
VESTIDO DE LOBO E  
ATROU-SE AO MAR.



ANEXO 11 – OPINIÕES DA 2ª EDIÇÃO DA OFICINA LIVRO. AÇÃO! NA LIVRARIA SALTA FOLHINHAS



VERY 😊  
NICE!

PEDRO SANTOS MUNEZ  
@GIALCOR

GOSTEI  
PEDRO PINTO

Foi divertido,

A interação constante  
levou a que todos participassem  
ativamente no espetáculo.

Penso que assimilei  
muito em muito boa.

Pedro Sousa

foi muito divertido

Pedro Pinto esta ótima



Email:

susanapinto@iaai.pt

Muito interessante,  
dinâmica e  
enriquecedora.  
Parabéns aos dois!

Susana Pinto

Gostei muito eu quero  
voltar aqui #Kath



Francisco Laria

Achei muito divertido e oco-  
lledor. Adorei!

FOI NICE

MASO

Despacito (Paulo)  
era ótimo



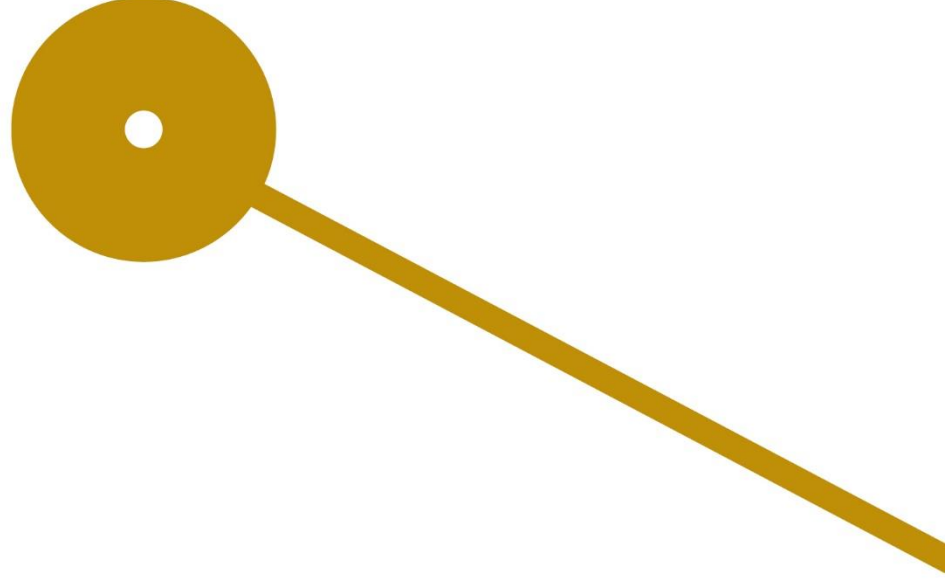
ESCOLA  
SUPERIOR  
DE MÚSICA  
E ARTES  
DO ESPETÁCULO  
POLITÉCNICO  
DO PORTO

P.PORTO

**M**

MESTRADO  
ARTES CÉNICAS

Interpretação e Direção Artística



Livro. Ação!  
Um projeto de teatro para incentivo à leitura (e não só)  
Susana Isabel Pereira de Azevedo Brandão